

ENTREVISTA

Pedro Bueno, CEO da Dasa:
"Precisamos abandonar nosso
modelo de saúde caro e ineficiente"

O ANO DA SAINT-GOBAIN

Com receita de R\$ 12,1 bilhões no
Brasil, o grupo investe em novas
fábricas e planeja aquisições

POR DENTRO DO DAY TRADE

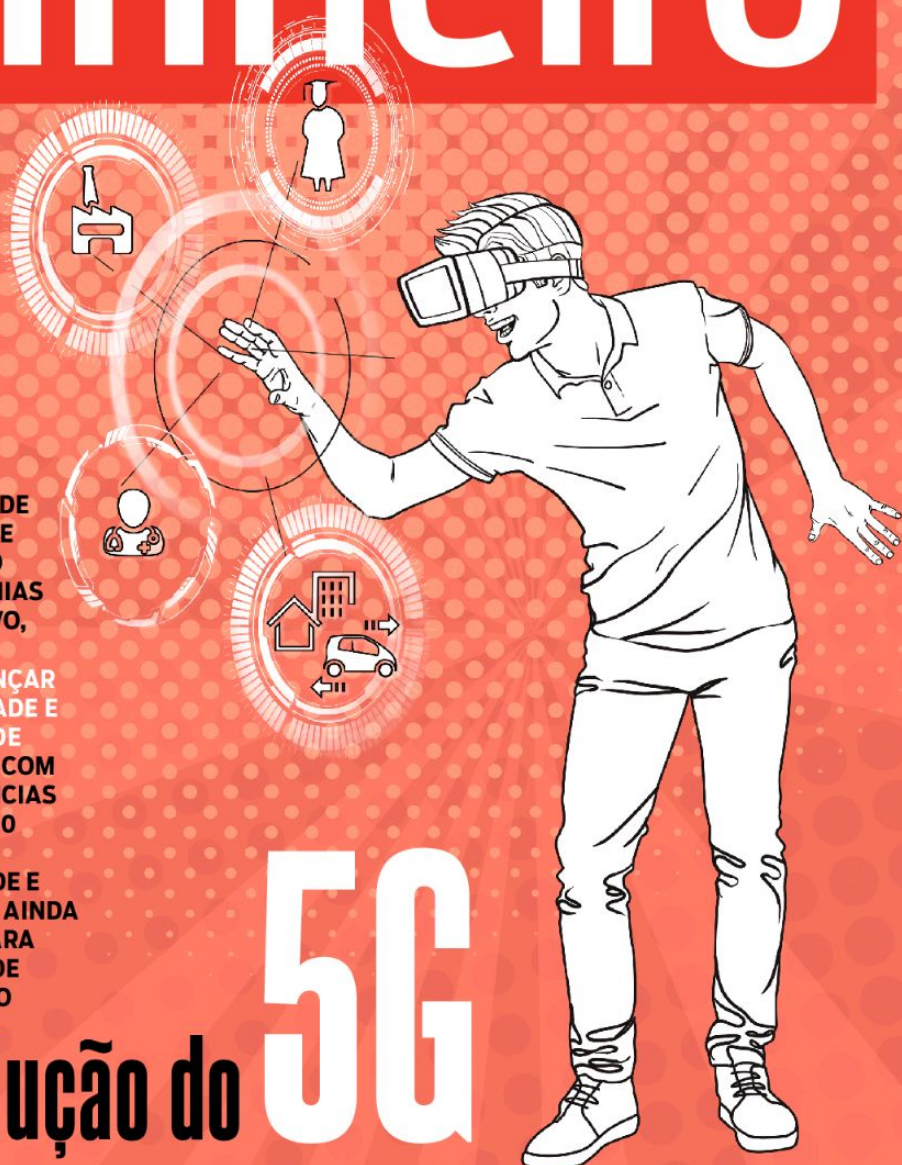
Como a possibilidade de ganhos
diários na bolsa continua atraindo
novos investidores apesar dos riscos



ISTO É Dinheiro

COM O FUTURO
DA TECNOLOGIA DE
TRANSMISSÃO DE
DADOS DEFINIDO
PELAS COMPANHIAS
CLARO, TIM E VIVO,
O BRASIL TEM A
CHANCE DE AVANÇAR
EM PRODUTIVIDADE E
COMPETITIVIDADE
PARA RIVALIZAR COM
GRANDES POTÊNCIAS
NA INDÚSTRIA 4.0
E NAS ÁREAS DE
LOGÍSTICA, SAÚDE E
EDUCAÇÃO. MAS AINDA
HÁ ENTRAVES PARA
TORNAR O PAÍS DE
FATO CONECTADO

A revolução do 5G





A B R A - S E P A R

- **Atendimento em horário estendido**
- **Empréstimo com até 4 meses pra começar a pagar**

banco.bradesco  @Bradesco  Facebook.com/Bradesco
Fone Fácil Bradesco: 4002 0022 / 0800 570 0022.
SAC - Alô Bradesco: 0800 704 8383.
SAC - Deficiência Auditiva ou de Fala: 0800 722 0099.
Ouvidoria: 0800 727 9933.



ABRA

SUA

CONTA

GRÁTIS

PELO APP

A O F U T U R O



bradesco



DE VOLTA AO FUTURO

Talvez a mais alvissareira notícia dos últimos tempos tenha sido a do leilão do 5G, dias atrás, que movimentou cerca de R\$ 50 bilhões e, mais importante, deu um belo empurrão para que o Brasil faça a sua estreia de gala na era das comunicações de alta conectividade. Será muito mais que mera comunicação rápida, mas também existe um longo caminho pela frente. De cara, brotou a necessidade de instalação de, ao menos, 1 milhão de antenas para atender o País. Para se ter uma ideia do tamanho do desafio, atualmente o Brasil dispõe de 103 mil transmissores e a nova tecnologia exige bem mais. Ao menos cinco a dez vezes a atual capacidade de cobertura, antes de revolucionar as atividades na educação, na saúde, na indústria e em diversos campos que sentirão seu transformador impacto. A Anatel definiu que o 5G irá funcionar nas 26 capitais e no Distrito Federal até julho de 2022, muito embora o alcance completo dessas regiões possa sofrer algum atraso. A demora é natural frente as necessidades. Anualmente o setor investe mais de R\$ 30 bilhões em expansão da rede, um número que precisará talvez dobrar para alcançar objetivo tão ambicioso. É uma corrida cuja largada foi dada em todo o mundo e o Brasil sai com algum atraso para a disputa da dianteira. Em um cenário futurista, logo ali adiante, casas inteligentes, medicina robótica a distância, bólidos movidos por inteligência artificial, drones de entrega das mais diversas mercadorias e outras facilidades serão realidades corriqueiras, como ocorreu quando da virada fulgurante dos telefones de ficha para os aparelhos celulares. O maior ganho será social,

verificado justamente nas comunidades mais carentes e remotas, com a previsão de cobertura de municípios e áreas urbanas onde ainda não existe bom acesso. Além do esforço acelerado na direção de maior conectividade, a mudança do 5G está a exigir uma regulação adequada, viabilidade financeira condizente e muita mudança tecnológica. Em outras palavras, os desafios estão apenas começando, embora (sem dúvida!) a porta tenha sido aberta para uma nova dimensão na qualidade de vida, nacionalmente. Os serviços digitais, numa das pontas mais nevrálgicas do processo, merece atenção especial. Ganharão uma celeridade inédita. Imagine você que, entre a intenção manifestada de um pedido e a efetiva entrega à sua porta, decorrerão, na maioria dos casos, um prazo contado em minutos ou até segundos. A universalização de recursos de educação, os impactos no agro, os ganhos competitivos, a agilidade nas transações financeiras, tudo assume outra dinâmica a partir dessa mudança, que já está em curso. Será rápida, e realmente surpreendente, a transformação. Na prática o Brasil, que se arrastava arcaicamente, distante do processo já em curso a modificar o dia a dia em muitas partes do mundo, recebeu um passaporte de entrada para o clube da primeira classe tecnológica. Estamos, finalmente, vislumbrando um novo modelo de negócios, de vida e das relações humanas. O futuro — é possível dizer sem medo de errar — chegou.

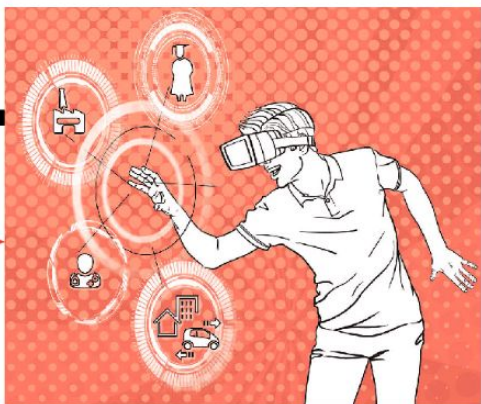
Carlos José Marques
Diretor editorial

Índice

CAPA

Com a definição das empresas aptas a explorar as frequências de 5G, o Brasil pode fazer da conexão veloz uma vantagem competitiva em diversas áreas. Entenda como essa tecnologia vai impactar nos negócios e os desafios para implementá-la

pág. 32



ENTREVISTA

Pedro Bueno, CEO da Dasa, maior grupo de saúde do Brasil: "Todos nós subestimamos o impacto da pandemia"

↳ **pág.14**



NEGÓCIOS

Com faturamento acima de R\$ 12 bilhões no Brasil este ano, grupo Saint-Gobain, de **Javier Gimeno**, investe em fábricas e aquisições

↳ **pág.40**



ESTILO

Com novo logo e produtos voltados para um público mais jovem, a Chandon, que tem **Sibylle Scherer** como CEO global, celebra ótima fase

↳ **pág.56**

SEMANA

STJ decide em favor de Flávio Bolsonaro e inquérito das rachadinhas volta à estaca zero

pág. 08

MOEDA FORTE

C&A paga R\$ 415 milhões para ter serviços e produtos financeiros que eram do Bradesco

pág. 12

SUSTENTABILIDADE

Estudo precifica a bioeconomia a partir dos produtos da Amazônia no Pará

pág. 18

DINHEIRO EM BITS

Criptomoeda baseada na série da Netflix Round 6 lesa investidores em US\$ 3,4 milhões

pág. 50

COBIÇA

Por dentro do Cheval Blanc Paris, o novo hotel de luxo da rede LVMH, com direito a spa da grife Dior

pág. 54

ARTIGO

Dois ganhadores do Nobel de economia, uma visão da pobreza e as razões do Auxílio Brasil

pág. 66

CAPA Fotomontagem sobre foto Istock

QUALIDADE

PREÇO

▶ E

JUSTO

Superioridade para encarar o dia-a-dia.

A Fit traz para o mercado a linha FIT | UFC, a única linha de combustíveis aditivados de série. Uma novidade que vai melhorar o desempenho do seu carro, garantindo maior poder de limpeza e proteção do motor, sem pagar nada a mais por isso. Abasteça nos principais postos bandeira branca do RJ e SP.



UFC



 FITCOMBUSTIVEIS  FITCOMBUSTIVEIS • COMBUSTIVELFIT.COM.BR



*Com uso contínuo



Combustíveis aditivados de série

Melhora a performance do motor
Elimina resíduos e acúmulos de depósitos
Reduz o atrito e inibe a corrosão no motor
Reduz o consumo e aumenta o rendimento
Prolonga a vida útil do motor*
Gasolina de maior octanagem - 93 RON



Encontre o posto
revendedor do
combustível FIT | UFC
mais perto de você



JUSTIÇA RACHADINHA

VITÓRIA ESPETACULAR DE FLÁVIO BOLSONARO

Justiça seja dita. Flávio Bolsonaro marcou um golaço, padrão final de Libertadores, na vitória por 4 a 1 que conseguiu no Superior Tribunal de Justiça (STJ). A defesa do atual senador da família Bolsonaro pedia a anulação dos crimes pelo qual ele é acusado pelo Ministério Público do Rio de Janeiro. Conseguiu. Orelator, ministro Jesuino Rissat, havia votado contra. Foi o único. A quinta turma do STJ ficou rachada e João Otávio de Noronha, Reynaldo Soares da Fonseca, Marcelo Navarro Ribeiro Dantas e Joel Ilan Paciornik garantiram a goleada a favor de Flavinho. “Não há como se sustentar que um magistrado de primeira instância era competente para investigar um senador da República que tinha acabado de deixar o cargo de deputado estadual”, afirmou Noronha. O tal senador da República comemorou com meia verdade, expressão também conhecida por uma mentira inteira. “Nada foi encontrado contra mim”, afirmou por meio de nota. Foi encontrado sim. E muita coisa, no crime conhecido por Rachadinha, que envolveu o famoso Fabrício Queiroz, além de parentes e ex-parentes do presidente. Em nenhum momento a defesa de Flávio diretamente rebatia as acusações de peculato, organização criminosa e lavagem de dinheiro feitas pelo MP do Rio de Janeiro. Para o MP, R\$ 6 milhões foram desviados. A defesa apenas questionava o foro. Ou seja. Que o juiz de primeira instância Flávio Itabiana não podia julgá-lo. Isso foi fundamentado num tecnicismo. O bastante para que todas as apurações feitas até aqui e todas as provas já colhidas sejam jogadas no lixo. Dá para entender por que no Brasil a disputa por uma vaga parlamentar muitas vezes é uma fuga garantida da cadeia.



FIQUE ATENTO

O Congresso brasileiro está desesperado para “quitar” PEC e Orçamento Paralelo inventando o cargo de senador vitalício para blindar & brindar Jair Bolsonaro

ECONOMIA

FMI revisa crescimento do Brasil

Claro que para baixo. De acordo com o *World Economic Outlook* de outubro, a previsão do Fundo Monetário Internacional (FMI) para o PIB brasileiro de 2022 é de crescimento de 1,5%. Isso significa 0,4 ponto percentual abaixo da previsão do relatório anterior, de julho. Estamos atrás de todo mundo, aliás.

PIB GLOBAL 2022
(em %)



GIGANTE FATIADO

GE SERÁ DIVIDIDA EM TRÊS PARTES

Como fazer com que um gigante global que faturou US\$ 80 bilhões (2020) fique maior? Fatiando em três. Pelo menos assim decidiu a cúpula da General Electric (GE), conglomerado fundado em 1892 pelo inventor Thomas Alva Edison. O anúncio foi feito na terça-feira (9). Serão três companhias de capital aberto nos negócios de aviação, energia e saúde. O fatiamento deverá ocorrer a partir de 2023. As ações da empresa subirão 6% no dia. Antes de anunciar a novidade, os papéis já haviam valorizado 25% no ano. “Ao criar três empresas globais líderes da indústria, cada uma pode se beneficiar de um maior foco, alocação de capital sob medida e flexibilidade estratégica para impulsionar o crescimento de longo prazo e valor para clientes, investidores e funcionários”, disse o CEO Larry Culp em um comunicado à imprensa.





ALIANÇA

Cúpula de Biden: internet é o alvo

Acontecerá de forma virtual, dias 9 e 10 de dezembro, o Summit for Democracy, organizado pelos Estados Unidos. No evento, o presidente Joe Biden deverá apresentar sua proposta de uma Aliança para o Futuro da Internet. Documento obtido pelo site *Politico* afirma que o governo americano pretende dar uma resposta a duas tendências principais:

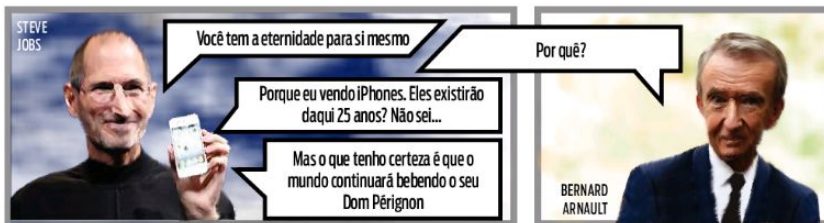
— A primeira é a ascensão e visão alternativa da internet como ferramenta de controle do Estado promovida por poderes autoritários como China e Rússia.

— A segunda é a necessidade de reavaliar a visão aspiracional da internet que prevaleceu dos anos 90 até os anos 2000, à luz de eventos desafiadores, incluindo uma epidemia mundial de desin-



formação, a concentração de poder num pequeno número de empresas de tecnologia e o aumento de ataques cibernéticos.

No texto, se afirma que “é hora de um grupo de países desenvolvidos e em desenvolvimento promover uma visão nova e melhor de uma internet aberta, confiável e segura que promova valores democráticos e respeito aos direitos humanos”.



Nota no pé: conversa entre Steve Jobs e Bernard Arnault, lembrada pelo bilionário francês CEO do Grupo LVMH

TCU DE OLHO

Lava Jato (de novo) na berlinda

Entre 2014 e 2021, cinco procuradores da Lava Jato teriam recebido diárias e passagens para atuar em Curitiba, já que estariam alocados em outros estados. Segundo o TCU, a conta teria passado de R\$ 2,5 milhões. O ministro Bruno Dantas identificou irregularidades nesses pagamentos e determinou na terça-feira (9) a apuração do dano e a identificação dos responsáveis. “Não é crível que seria impossível promover medidas mais aderentes ao princípio da economicidade na escolha do modelo de força-tarefa”, afirmou Dantas em sua manifestação. Entre os cinco um residiria em Curitiba e ainda assim recebeu as diárias e outro seria casado com uma procuradora moradora da capital paranaense. O ex-procurador-geral da República Rodrigo Janot e o ex-procurador Deltan Dallagnol, responsáveis pelo modelo da operação, podem ser condenados solidariamente.

US\$ 98,6 BILHÕES

Valor de mercado da Rivian na quarta-feira (10), um dia após fazer um IPO de US\$ 10 bilhões. A empresa americana de veículos elétricos, que tem como um dos controladores Amazon, já vale mais que a GM (US\$ 86 bilhões)

ELEIÇÕES 2022

Moro se filia ao Podemos

Na quarta-feira (10), o ex-juiz, e ex-ministro de Bolsonaro, Sérgio Moro formalizou seu ingresso no Podemos. Oficialmente ainda não se lançou candidato à corrida presidencial de 2022, mas no próprio evento ele foi anunciado como “o futuro presidente da República”. Em seu discurso, falou de combate à corrupção. “Sonhava que o sistema político iria se corrigir após a Lava Jato, que a corrupção seria coisa do passado e que o interesse da população seria colocado em primeiro lugar”, afirmou. “Isso não aconteceu.” Moro disse que entrou na política para fazer correções. “Chega de mensalão, chega de petrolão, chega de rachadinha, chega de orçamento secreto.” Também defendeu o fim do foro privilegiado e a retomada da prisão após condenação em segunda instância. O Podemos é presidido pela deputada federal Renata Abreu (SP).



O BANCO MASTER CHEGOU PARA AJUDAR VOCÊ A CHEGAR AONDE QUISER.

Sucesso nem sempre é sinônimo de riqueza ou fama.
Ele também pode estar em coisas mais simples
e ser diferente a cada momento.

Sucesso é transformar sonhos em realidade
e o Banco Master chegou para ajudar a realizar os seus.
Um banco ágil, fácil e parceiro,
sempre pronto para atender e colaborar
para o seu sucesso, seja o que for sucesso para você.

bancomaster.com.br



BANCO
MASTER

**SEU SUCESSO,
NOSSA MAIOR CONQUISTA.**



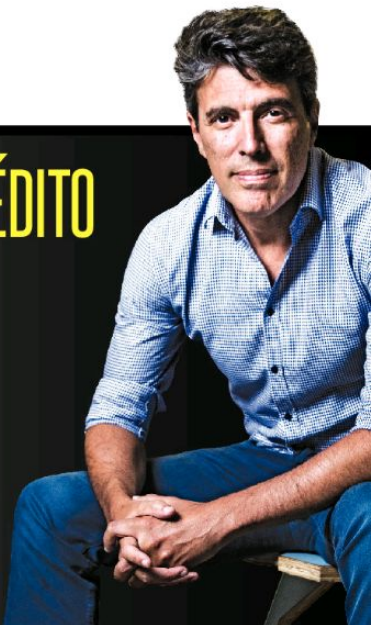
BAIXE
O APP
E SAIBA
MAIS





C&A QUER USAR E ABUSAR DO CRÉDITO

Tirado do ar em 2015, o famoso slogan “abuse e use” — considerado impróprio depois de uma campanha com roupas infantis — ajudou a rede C&A a se consolidar como uma das top of mind no varejo nacional. Agora, a empresa comandada pelo CEO **Paulo Correa** quer ampliar sua fatia no mercado seduzindo o cliente a usar e abusar também do crédito. Crédito da C&A. “Vamos fazer nossa própria análise de crédito, considerando fatores que vão além do financeiro, como fidelização, recorrência e ticket médio”, afirmou o CEO à DINHEIRO. Para isso, pagou R\$ 415 milhões para comprar do Bradesco serviços e produtos financeiros que eram até então explorados exclusivamente pelo banco nas lojas da rede. No pacote de novidades a empresa vai lançar o C&A Pay, solução que promete uma experiência totalmente digital, rápida e de fácil contratação pelo cliente. Ainda vai levar, no entanto, dois anos para que os produtos do Bradesco deixem de ser vendidos nas lojas da C&A, como prevê a transição acertada entre as partes. O acordo também inclui a manutenção da base atual dos cartões C&A da parceria para que não haja ruptura dos serviços aos clientes. “Com cautela e responsabilidade, a ideia é que a C&A faça parte da jornada de crédito dos clientes, com as melhores soluções e serviços.”



MENOS CALORIA, MAIS LUCRO

O mercado de produtos saudáveis cresce como nunca no País. Um termômetro desse fenômeno é a multiplicação das vendas da Puravida, fabricante de mais de 200 produtos e suplementos. Segundo seu fundador, **Flávio Passos**, o faturamento vai atingir R\$ 315 milhões neste ano, crescimento de 52% sobre o ano passado. E para surfar na onda natureba, a empresa vai lançar a campanha contra o consumo de açúcar, o desafio #nãobeboaçúcar. “Nossa proposta é que o processo de desintoxicação seja leve”, disse. O Fundo Aqua Capital é o principal investidor da Puravida.

ALUGA-SE CASA DE R\$ 1 MILHÃO

A demanda por imóveis de alto padrão para locação na pandemia fez nascer um novo segmento no País, o de aluguel digital de longa estadia. É nessa área que a WelHome, startup especializada em casas de férias avaliadas em mais de R\$ 1 milhão, está se consolidando. “Concentramos tudo o que os três players, hóspedes, proprietários e corretores, precisam em uma ferramenta única para que a experiência com a locação de imóveis de temporada seja fácil, rápida e completa”, disse **Bruna Cabral**, CEO da startup. Mas a empresa não está sozinha. Outras grandes plataformas como Airbnb, Booking.com e Vrbo já começaram a operar no segmento.



ENTREVISTA

ANA PAULA VITELLI, PRESIDENTE DA CÂMARA DE COMÉRCIO BRITÂNICA

Quais são os desafios e oportunidades entre Brasil e Reino Unido?

Há muita sinergia na agenda bilateral entre Brasil e Reino Unido. Um dos exemplos relacionados ao tema de meio ambiente e economia verde é o Programa de Energia para o Brasil (BEP), que une o pioneirismo brasileiro em tecnologias e energias renováveis com a experiência britânica no desenvolvimento

e financiamento de tecnologias de baixo carbono. Tal iniciativa poderá trazer muitas oportunidades para o Brasil, acelerando nossa transição energética e contribuindo para projetos de economia verde que poderão gerar impacto socioeconômico muito positivo.

Na COP-26, vários líderes ficaram incomodados com a falta de detalhes da proposta do governo brasileiro sobre

como colocar isso na prática. Qual sua avaliação?

Se o Brasil focar em ações concretas e garantir a efetivação de suas metas, haverá a melhoria de sua imagem no âmbito internacional. Isso poderá atrair mais investimentos para diversos setores de nossa economia. O mundo espera que o Brasil reconheça o atual quadro de emergência climática e pautе suas decisões a partir

“Se o Brasil focar em ações...”



FAST SHOP ACELERA NO INTERIOR

DEPOIS DE AMPLIAR O SERVIÇO DE ENTREGAS RÁPIDAS, COM O DELIVERY EM ATÉ UMA HORA, **A REDE DE VAREJO FAST SHOP VAI ACELERAR SUA ESTRATÉGIA LOGÍSTICA**. A EMPRESA ACABA DE INICIAR OPERAÇÃO DE DOIS NOVOS CENTROS DE DISTRIBUIÇÃO, NO ESPÍRITO SANTO E EM GOIÁS, ESTADOS QUE RECEBERÃO LOJAS FÍSICAS NESTE ANO. "COM O FORTALECIMENTO DE NOSSA MALHA LOGÍSTICA, O FOCO SERÁ O SERVIÇO DE ENTREGAS ULTRARRÁPIDAS", AFIRMOU EDUARDO SALEM, DIRETOR-GERAL DA FAST SHOP.

A TÁTICA DE JOGO PENALTY

Uma das mais tradicionais marcas de artigos esportivos do País, a Penalty está otimista com o jogo da economia em crise. Isso porque o dólar alto e a disparada dos custos logísticos tendem a prejudicar seus principais concorrentes estrangeiros. "Diante do quadro de dólar elevado, temos vantagens competitivas em relação aos nossos concorrentes, que são muito dependentes de importações", afirmou **Roberto Estefano**, fundador e presidente do Conselho Administrativo da Cambuci S/A, detentora da marca Penalty. Os números jogam a favor da marca. De janeiro a setembro, as vendas chegaram a R\$ 67,6 milhões, aumento de 83,2% na comparação com o mesmo período de 2020.



m ações concretas, haverá a melhoria de sua imagem internacional"

dos fatos, assegurando transparência e participação popular.

O que o Brasil pode fazer na prática para melhorar a relação com o Reino Unido?

Temos promovido diversas ações na Câmara Britânica visando fomentar discussões e atividades focadas nos temas de economia verde, financiamento verde, a regulação do mercado de carbono e como se dará a

transição energética para uma matriz focada em energias limpas e renováveis. Há muitas possibilidades de ampliar a sinergia na agenda do Brasil com o Reino Unido e as relações comerciais e de investimentos já existentes podem ser aprimoradas, dado nosso potencial de cooperação em diversos temas, principalmente em relação a energias renováveis, meio ambiente e economia verde.



A COMPETITIVIDADE DIGITAL ESTÁ EM RISCO

UMA PESQUISA REALIZADA NO BRASIL PELA ALTERIX, EMPRESA DE AUTOMAÇÃO ANALÍTICA, DETECTOU UMA GRANDE DISCREPÂNCIA ENTRE O RITMO ACELERADO DA TRANSFORMAÇÃO DIGITAL NO PAÍS E A DISPONIBILIDADE DAS HABILIDADES NECESSÁRIAS PARA EFETIVAR ESSA MUDANÇA

Com a participação de mais de 500 profissionais no Brasil, o estudo constatou que...

41% das lideranças acreditam que sua organização está "ficando para trás" em relação à concorrência

54% desses executivos estão "sobrecarregados" com o que eles "deveriam aprender"

53% desses líderes reconhecem que impulsionar essas iniciativas de requalificação dos colaboradores é sua responsabilidade, mas o treinamento de dados acaba paralisado devido a outras prioridades do dia a dia

39% dos profissionais de dados afirmaram que não conseguem aumentar suas habilidades por serem "sugados pelas tarefas do dia a dia"

17% não sabem por onde começar

Fonte: Alterix

Entrevista | **Pedro Bueno**, CEO da rede Dasa

A photograph of Pedro Bueno, CEO of Dasa, sitting on a blue cube. He is wearing a light blue button-down shirt and dark trousers. He is smiling and looking towards the camera. The background is a dark blue curtain with a circular light fixture visible at the top.

“Precisamos abandonar
nosso
modelo de
saúde caro,
reativo e
ineficiente”

A pandemia deixará lições de vida e de gestão para os brasileiros. Ao mesmo tempo que gerou desafios para a economia, acelerou vários processos de digitalização nas empresas

Hugo CILO

À frente da rede Dasa, o maior grupo de saúde do País, Pedro Bueno enfrentou durante a pandemia o mais desafiador ciclo de sua vida profissional. Como herdeiro e CEO de uma companhia com R\$ 7 bilhões em receita, montou uma estrutura de guerra para atender à demanda por tratamentos de saúde. “Foram quase dois anos muito intensos, difíceis e, ao mesmo tempo, de muita transformação em nosso plano estratégico”, afirmou em entrevista à DINHEIRO o executivo, filho de Edson Godoy Bueno (1943-2017), fundador da Amil. Algumas de suas principais marcas, entre elas Alta, Delboni Auriemo, Lavoisier e Salomão Zoppi, foram fundamentais no esforço de testar e diagnosticar o avanço da Covid-19 pelo País. “Todos nós, de alguma forma, subestimamos o impacto que a pandemia ia trazer”, disse. Confira, a seguir, sua entrevista:

DINHEIRO – Como foi a experiência de comandar a maior empresa de análises clínicas do País em um período da maior pandemia desta geração?

PEDRO BUENO – Foram quase dois anos muito intensos, difíceis e, ao mesmo tempo, de muita transformação em nosso plano estratégico. Por um lado, a gente estava no epicentro da pandemia, tanto com a nossa operação de diagnóstica, quanto com nossos negócios digitais. Foi uma operação de guerra. O mundo inteiro estava concorrendo pelos mesmos EPIs, pelos mesmos materiais, pelos mesmos reagentes. O desafio foi imenso.

Era possível estimar o tamanho do estrago?

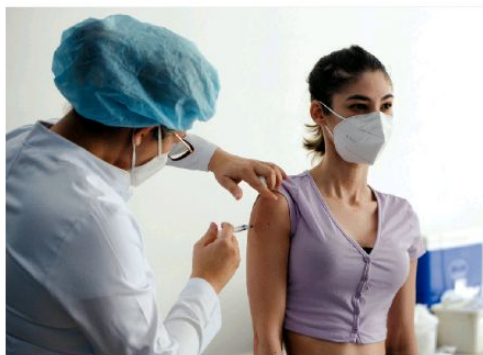
Todos nós, de alguma forma, subestimamos o impacto que a pandemia ia trazer. A gente comprou dez vezes mais do que a gente precisava, e ainda assim foi totalmente insuficiente frente à demanda avassaladora. Os primeiros seis meses foram de muita insegurança. Tivemos medo de ter um colapso do sistema de saúde, e chegamos muito perto disso. Tivemos um impacto financeiro relevante. Os custos subiram e as receitas caíram drasticamente entre

março e junho do ano passado. Por outro lado, a Dasa é uma empresa que tem uma robustez financeira muito grande. Somos o maior ecossistema integrado de saúde da América Latina. Atendemos a 20 milhões de brasileiros, e 55% de todos os médicos do País. São mais de 150 mil médicos. Então, apesar da pandemia, não estamos olhando para o próximo trimestre. Olhamos para os próximos dez anos.

O que a pandemia acelerou na Dasa?

Nos últimos dois anos, avançamos muito na nossa estratégia de integração da jornada de cuidado do paciente, desde a baixa complexidade até a mais alta complexidade, desde clínica, diagnóstica, hospital e oncologia... Tudo para endereçar o maior problema do setor de saúde, que é a fragmentação.

“O movimento antivacina no Brasil é irrelevante. Os números falam mais alto. Com a cultura que temos em vacinação, estamos bem”



Por que a fragmentação é um problema?

O problema é que os agentes não se conversam. A postura é muito limitada e reativa. Geralmente o paciente interage com as empresas de saúde quando já está doente. Isso torna a experiência mais difícil. Ele marca um médico, depois marca um exame. Ninguém se conversa. Como consequência dessa fragmentação, há um aumento do custo do sistema. Se os agentes não estão coordenados, os pacientes ficam mais doentes, consomem mais consultas, mais exames, demandam mais cirurgias, consomem mais o Pronto Socorro. É isso que causa esse aumento de custo enorme.

Unir empresas vai reduzir custos?

A gente fundiu a Dasa com a rede de hospitais Ímpar no final de 2019, pouco antes da pandemia. Ficamos os primeiros seis meses apagando incêndio. Depois que tiramos o nariz debaixo d'água, aceleramos nossa estratégia de expansão. Fizemos dez aquisições de hospitais. Num momento incrível de consolidação, foram de seis para 16 hospitais. Aceleramos os investimentos em tecnologia. Temos o maior hub de inteligência artificial da América Latina. Vamos transformar a forma como a saúde é entregue.

Há plano de novas aquisições?

Nossa ambição é grande. Embora já sejamos uma das maiores empresas de saúde do País, nosso market share de todo o custo assistencial privado brasileiro é de menos de 5%. Então, existe uma oportunidade de crescimento fantástica. Nossa visão é continuar consolidando não só em hospitais, mas também comprar healthtechs, corretoras, hospitais, empresas de diagnóstico e toda empresa ligada à cadeia do cuidado. Precisamos abandonar nosso modelo de saúde atual, que é caro, reativo e ineficiente.

Qual a maior lição que fica da pandemia?

Pessoalmente, o aprendizado que tiro é que a única certeza que existe é que não temos certeza de nada. Às vezes a gente acha que está seguro quando a gente faz sempre o mesmo. Vem a pandemia e mostra que tudo tem que mudar. O mundo é impermanente. Cada vez mais impermanente. E muitas coisas foram aceleradas pela pandemia. A mudança para a telemedicina e a integração do físico com o digital foram visíveis. E ficaram vários aprendizados. Uma delas é a importância de se colocar as pessoas no centro das decisões. Estamos saindo da crise com muito mais experiência para enfrentar essas turbulências.

Mas as empresas precisam se planejar...

Tem empresa que faz planejamento de dez anos e acha que sabe tudo o que vai acontecer. Claro, temos de ter um norte, um ponto

direcionador, mas temos de estar preparados para mudar e ajustar as coisas quando necessário. Com a tecnologia, tudo é muito dinâmico. E as coisas vão mudar cada vez mais rápido. Ter humildade e não achar que sabe tudo. Sempre reavaliar seus próprios paradigmas, questionar seu modelo de negócio, questionar se o que estamos fazendo é o que melhor podemos fazer para entregar valor aos nossos clientes.

Como tudo isso pode reduzir o custo da saúde e permitir que mais brasileiros tenham acesso?

É importante entender o mecanismo da inflação médica. Não é uma questão de aumento de preço. O que encarece não é o custo de uma cirurgia ou de um exame. O ponto-chave é a frequência de utilização. O número de cirurgias, o número de exames, o número de atendimentos em Pronto Socorro tem aumentado demais. É isso que puxa os custos para cima, a inflação médica. Nos últimos anos, os custos ficaram mais de três vezes acima da inflação oficial. Por isso é importante ter um setor menos fragmentado, menos descoordenado.

Esse sucesso dessa integração depende da integração com o SUS?

Não depende porque já conseguimos fazer quase tudo dentro do nosso próprio ecossistema. Mais de 90% de nossos clientes são usuários de planos de saúde, que já tem acesso a nossos laboratórios e hospitais com um nível de recorrência muito alto. Claro que se no futuro as informações dos sistemas público e privado forem integradas, poderemos fazer mais coisas ainda, principalmente para um nicho da população que hoje não tem plano de saúde.

Onde o Brasil mais acertou na pandemia?

A vacinação no Brasil é um case de sucesso. Hoje estamos liderando. O Brasil demonstrou uma grande capacidade de reação na pandemia. Muitas vezes não damos o devido valor ao SUS. Mas o SUS é um sistema de

saúde incrível. A capacidade de vacinação e o sucesso da imunização estão dentro do SUS.

Em que o Brasil errou?

Olhar para trás e ficar criticando é difícil e agrega pouco nesse momento. Temos de olhar para frente, tirar os aprendizados. Sendo bastante humilde, todos nós acertamos e erramos nessa crise. Fico muito feliz que a pandemia esteja próxima do fim. Podemos virar a página da pandemia e começar a pensar no próximo ciclo.

Esse ciclo já começa em 2022?

Acredito que sim. A Covid vai passar a ser como uma gripe. Volta e meia alguém vai pegar, mas vai deixar de ser um problema.

“Além de todos os problemas, haverá incertezas de um ano eleitoral. Ainda devemos ter um ano com a economia andando meio de lado”



Sinto que já estamos na cauda longa, no finalzinho da crise. Uma lição é que nunca fomos tão globalizados e nossos problemas são coletivos. O problema de um é o problema de todos. Então, não vai adiantar nada o Brasil estar 100% vacinado se a África não estiver. Aí o vírus sofre mutação e a gente vai ter outra pandemia.

O movimento antivacina ameaça a recuperação da economia?

O movimento antivacina no Brasil é irrelevante. Os números falam mais alto. Com a cultura que temos em cuidados preventivos e com a vacinação, estamos bem.

A Dasa está pronta para contribuir com a imunização anual?

A gente tem uma operação de vacinas muito forte. Somos a maior rede de clínicas privadas de vacinação do Brasil. Assim que for liberada a venda, vamos disponibilizar.

Em quanto tempo a economia brasileira conseguir se descontaminar da pandemia?

Olha, difícil saber. Apesar de ser economista, nunca exerci a profissão e já fui trabalhar em empresa. Mas acho que temos de ser pragmáticos e realistas. Estamos saindo fragilizados da crise. O que foi gasto de auxílios durante a pandemia foi praticamente toda a economia que tivemos com a reforma da previdência. Tudo indica que o

ano que vem ainda será um ano difícil. Além de todos os problemas atuais, haverá incertezas de um ano eleitoral. Ainda devemos ter um ano com a economia do Brasil andando meio de lado.

Você discorda das medidas de auxílio do governo?

Não discordo, não. Na hora que tem gente passando fome, tem que fazer o que for necessário para resolver o problema de curto prazo. Não dá para ficar assistindo a gente morrendo de fome. Mas espero que o impacto nas finanças promova o senso de urgência social para buscarmos um governo mais

eficiente, um governo mais enxuto e que gaste mais com o cidadão e menos consigo. Com isso, teremos um SUS melhor, uma melhor educação, uma melhor previdência. Espero que tenhamos a serenidade e a seriedade de ir atrás de um governo mais eficiente.

A conjuntura atual não te preocupa?

Instabilidade política e dificuldade econômica é só o Brasil sendo o Brasil. Claro que tudo isso tem impacto nas expectativas e que naturalmente se revertem em menos investimentos e menos crescimento. Mas vai passar. **ES**



FUNDADOR: DOMINGO ALZUGARAY
(1932 - 2017)

EDITORA
CATIA ALZUGARAY

PRESIDENTE EXECUTIVO
CACO ALZUGARAY

ISTOÉ Dinheiro

DIRETOR EDITORIAL
CARLOS JOSÉ MARQUES

DIRETOR DE NÚCLEO
CELSO MASSON

TEXTOS
REDATOR-CHEFE: Edson Rossi
EDITORES: Claudio Gradione, Hugo Cilo, Lana Pinheiro e Paula Cristina
EDITOR-ASSISTENTE: Beto Silva
REPORTAGEM: Ana França, Angelo Verotti, Beatriz Pacheco, Jaqueline Mendes e Ricardo Nanov

ARTE
DIRETOR DE ARTE: Jefferson Barbatto
DESIGNERS: Christiane Pinho e Raul Silva
ILUSTRAÇÃO: Evandro Rodrigues (chefe) e Fabio X
PROJETO GRÁFICO: Ricardo van Steen (colaborou Bruno Pugens)

ISTOÉ DINHEIRO ON-LINE
EDITOR EXECUTIVO: Airton Seligman
REDATORES: Aryel Fernandes, Diego Felix e Thais Fernandes

FOTOGRAFIA
Pesquisa: Sidinei Lopes Arquivo: Eduardo A. Conceição Cruz

CT: Silvío Paulino e Wesley Rocha

APOIO ADMINISTRATIVO
Gerente: Maria Amélia Scarcello Secretária: Terezinha Scarpato Assistente: Cláudio Monteiro

MERCADO LECTOR E LOGÍSTICA
Diretor: Edgardo A. Zabala
Gerente Geral de Venda Avulsa e Logística: Yuko Lenie Tehan

Central de Atendimento ao Assinante: (11) 3618-4566 de 2ª a 6ª feira 10h às 16h20, sábado 9h às 15h.
Outras Capitais: 4002-733x
Outras Localidades: 0800-888-2111 (exceto ligações de celulares)
Assine: www.assine3.com.br
Exemplar avulso: www.shopping3.com.br

PUBLICIDADE
Diretor nacional: Maurício Arbex
Secretária da diretoria de publicidade: Regina Oliveira
Assistente: Valéria Esbano - Gerente Executiva: Andréa Pezzuto - Diretor de Arte: Pedro Roberto de Oliveira - Coordenadora: Rose Dias Contato: publicidade@editora3.com.br
ARACAJU - SE: Pedro Amarante - Gabinete de Mídia - Tel.: (79) 3246-4139 / 99978-8962 - BELÉM - PA: Glícia Diocessano - Dandara Representações - Tel.: (91) 3242-3367 / 98125-2751 - BELO HORIZONTE - MG: Célia Maria de Oliveira - a Página Publicidade Ltda. - Tel./fax: (31) 3291-6751 / 99983-1783 - FORTALEZA - CE: Leonardo Holanda - Nordeste MKT Empresarial - Tel.: (85) 98832-2367 / 3038-2038 - GOIÂNIA - GO: Paula Centini de Faria - Centini Comunicação - Tel. (62) 3624-5570 / (62) 99221-5575 - PORTO ALEGRE - RS: Roberio Gianini, Lucas Pontes - BR Gianini Comércio & Representações Ltda. - Tel./fax: (51) 3388-7712 / 99309-1626 -

Dinheiro (ISSN 1444-7645) é uma publicação semanal da Trés Editora Ltda.
Redação e administração: Rua William Speers, nº 1.088, São Paulo - SP, CEP: 05067-900, Tel.: (11) 3618-4200 - Fax da redação: (11) 3688-4108.
Dinheiro não se responsabiliza por conceitos emitidos nos artigos assinados.
Comercialização e Distribuição: Trés Comércio de Publicações Ltda. Rua William Speers, 1282 - São Paulo - SP
Impressão: OCEANO INDÚSTRIA GRÁFICA LTDA. Rodovia Anhanguera, Km 33, Rua Osasco, nº 644 - Parque Empresarial - CEP 07750-000 - Cajamar - SP.



CARTAS, E-MAILS E REDES SOCIAIS

REPORTAGEM DE CAPA

A fórmula da Pfizer para o Brasil

Excelência em pesquisa e desenvolvimentos no mundo, ela poderia fazer muito mais pelo Brasil se houvesse vontade política.

Everton Silveira

A empresa que inova no Brasil. Apesar do governo federal.

Vivi L. Costa

Quanto custará o acordo do clima?

Eles querem que a gente deixe de expandir nossa indústria para emitir menos carbono.

Hiago Faria

Ridículo falar de diminuir desmatamento, grilagem e extração ilegal de madeira se quem faz isso hoje é aliado do presidente.

Alexandre Mello

"Hoje o Brasil tem uma 'equipe' econômica. Paulo Guedes perdeu a interlocução" - Entrevista com Valdir Simão

Guedes sempre foi centralizador. Aprendeu no governo Pinochet e agora usa com Bolsonaro. Qualquer semelhança não é mera coincidência.

Alex Oliveira

Quem acredita no ministério de Guedes?

Nós ainda temos ministro da Economia? Onde está? Juros subindo, dólar alto, desemprego, combustível nas alturas... o País não tem estratégia, desgovernado. Uma vergonha. Chega. Já deu. Melhor pedir para sair.

Ronaldo dos Santos

Falamos muito dos adoradores do presidente, mas o mercado financeiro sempre acredita nas mentiras de Guedes.

Rui Nelson



Somente os fanáticos fundamentalistas. O mercado já está abrindo o olho.

Luis Eduardo

A volta dos que não foram

Que sirva de lição: 2022 tem eleição do Legislativo.

Valmiro Gonçalves

De fake news em fake news o bolsonarismo engana os pseudos liberais e destrói a democracia e o pouco de transparência que já tínhamos. Que país é esse?

Gabriel Silva

Bolsonaro não está aqui

Na verdade ele não está nem aí.

Renato Rocha

O pós home office

Ótimo que pedirão demissão! Assim sobram vagas para quem quer trabalhar no escritório.

Laurente Masso

O mundo de Mark

Que venha o metaverso.

Sérgio Nunes

Só acompanhando a evolução.

Anita Silva

Fale conosco

Cartas para esta seção, com endereço, RG e telefone, devem ser remetidas para: Diretor de Redação, ISTOÉ DINHEIRO, R. William Speers, 1.088, Lapa, São Paulo - SP, CEP 05067-900. Acesse o portal istoed dinheiro.com.br e comente os conteúdos nas páginas da ISTOÉ DINHEIRO nas redes sociais. Facebook: @istoedineiro; Instagram: @istoed_dinheiro, Twitter: @istoed_dinheiro; LinkedIn: IstoÉ Dinheiro. Mensagens poderão ser editadas em razão de seu tamanho ou clareza.

Evidências baseadas em pesquisas começam a comprovar com mais solidez o valor da floresta em pé. De acordo com o estudo *Bioeconomia da Sociobiodiversidade do Pará*, produzido pela The Nature Conservancy, Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) e Natura, a comercialização de 30 produtos extraídos da Amazônia no estado gerou uma renda total de R\$ 5,4 bilhões em 2019. Do valor total, 57% ficou no estado e 22% foi apropriado pela economia nacional. Dos 30 itens analisados, os dez com maior potencial de exportação — açaí, borracha, cacau-amêndoa, castanha-do-pará, cumaru, cupuaçu-amêndoa, murumuru, óleo de castanha-do-pará, palmito e tucumã — somam uma geração de renda de R\$ 5,2 bilhões, 96% da EcoSocioBio-PA. Vale notar que o markup (diferença porcentual entre o preço de compra do produto primário e o preço de venda final após agregação de valor ao longo da cadeia) pode chegar a 965%, como no caso do palmito, e se mantém acima de 100% para quase todos os demais produtos analisados.



Açaí

Valor de produção*: R\$ 1,3 bi
 Valor adicionado*: R\$ 3,7 bi
 Markup**: 191%



Cacau-amêndoa

Valor de produção: R\$ 550 mi
 Valor adicionado: R\$ 1,3 bi
 Markup: 132%



Castanha-do-pará

Valor de produção: R\$ 16 mi
 Valor adicionado: R\$ 140 mi
 Markup: 776%



Palmito

Valor de produção: R\$ 8,4 mi
 Valor adicionado: R\$ 89,1 mi
 Markup: 965%

Fonte: *Bioeconomia da Sociobiodiversidade do estado do Pará*

BIOECONOMIA, O POTENCIAL VEM DO PARÁ



Estado do Pará



Tucumã

Valor de produção: R\$ 1,3 mi
 Valor adicionado: R\$ 1,9 mi
 Markup: 48%



Murumuru

Valor de produção: R\$ 44 mil
 Valor adicionado: R\$ 96 mil
 Markup: 120%



Óleo de castanha-do-pará

Valor de produção: R\$ 4 mil
 Valor adicionado: R\$ 7 mil
 Markup: 76%

*Valores aproximados ** calculado com valor cheio



Cupuaçu-amêndoa

Valor de produção:
R\$ 301 mil
Valor adicionado:
R\$ 1,2 mi
Markup: 296%



Cumaru

Valor de produção:
R\$ 253 mil
Valor adicionado:
R\$ 566 mil
Markup: 124%



Borracha

Valor de produção:
R\$ 2,1 mi
Valor adicionado:
R\$ 4,9 mi
Markup: 131%



DESMATAMENTO

AMEAÇA EM TERRA INDIGENA

Enquanto o governo federal tornou-se signatário do acordo global pelo fim do desmatamento até 2030 durante a COP-26, madeireiros e grileiros continuam derrubando árvores na Amazônia. Uma expedição in loco encontrou área equivalente a 850 campos de futebol devastada pelo corte ilegal nas terras do povo Karipuna. Aumento de 44% nos últimos 12 meses em relação ao período anterior.



é o montante necessário para financiar a transição energética global. A estimativa é da gestora BlackRock

DIVERSIDADE

FÓRUM DE EQUIDADE RACIAL EM SP

Entre quarta (17) e quinta-feira (18) acontecerá o Fórum Internacional de Equidade Racial e Empresarial, com o tema ESG: *Meio Ambiente, Raça e Clima*. "Um dos objetivos é discutir o racismo ambiental como parte da luta contra as mudanças climáticas", disse **Raphael Vicente**, coordenador da Iniciativa. No segundo dia, destaque para a divulgação do Índice de Equidade Racial Empresarial e das Empresas de Destaque, reconhecimento de marcas engajadas com a causa étnico-racial.



Papo Responsável

Em 2014, **Roberto Speicys Cardoso** fundou a Scipopulis junto aos sócios com o objetivo de agregar e organizar dados que ajudassem na construção de políticas públicas de mobilidade. Sete anos depois, estão na COP-26.

A MISSÃO

"Temos o objetivo de oferecer informações que ajudem gestores públicos a melhorar a oferta de transporte público nas cidades"

FERRAMENTA

"Praticamente 100% dos ônibus que circulam nos centros urbanos possuem GPS. Essa tecnologia nos dá informações ricas do comportamento do trânsito nas cidades. Todos esses dados são agregados em nossa plataforma e servem como subsídios para o planejamento da mobilidade nos grandes centros"

COP-26

"Como uma govtech (startup que oferece soluções tecnológicas para governos), participamos de um programa global para dar escala a startups, o Global Scale Up, que desta vez foi focado em soluções para redução de emissões. Como um dos serviços da nossa plataforma é medir as emissões do transporte público e ajudar nas metas de transição dos ônibus a diesel para os elétricos, fomos convidados a ir para a COP-26 e apresentar a nossa solução de descarbonização ao governo da Escócia e participar de um painel de inovações voltadas à agenda durante a Cúpula"

REALIDADE NO BRASIL

"Existe uma dificuldade das cidades em substituir os ônibus convencionais para os elétricos, três vezes mais caros. A janela de oportunidade para a mudança acontece na renovação de contrato. Hoje, São Paulo é uma das poucas cidades do Brasil que já tem metas de redução de emissões no transporte público"

PARA CONHECER

NETFLIX DO BEM



Um projeto que qualquer pessoa em busca de melhorar seu impacto no planeta deve conhecer é o Waterbear. Essa espécie de Netflix é a primeira plataforma de streaming exclusivamente voltada a filmes, animações e documentários sobre temas socioambientais. Seu acesso é gratuito mediante cadastro simples. Dentro do catálogo é possível assistir a conteúdos sobre consumo sustentável, movimentos sociais, clima, meio ambiente e reciclagem, entre outros. Materiais criados para inspirar o envolvimento pessoal do cidadão na ação climática. Acesso em <https://www.waterbear.com/>

Líderes globais afinam discurso climático no palco da COP-26, mas nos bastidores se recusam a assinar compromissos que ameaçam o crescimento de suas economias mesmo que sejam imprescindíveis para a sustentabilidade do planeta

Lana PINHEIRO



Na prática, a teoria é outra

A ativista Greta Thunberg foi a autora de uma das mais eloquentes e honestas análises sobre a COP-26. “Esta não é mais uma conferência climática. É um festival de greenwashing [...] e blá-blá-blá”. Sua colocação não é despropositada. Ainda que o mais urgente evento sobre o clima tenha começado com os discursos dos líderes mundiais alinhados no compromisso de conter o aquecimento global em 1,5°C até o ano 2100, o que se viu foram apenas acordos multilaterais anunciados sem a assinatura de relevantes economias para o cumprimento das metas propostas. Caso dos Estados Unidos no combate ao uso do carvão e da China, no metano. Para coroar



a decepção, na segunda-feira (8), o esboço de texto final de Glasgow foi divulgado sem nenhuma menção a metas para o fim do uso de combustíveis fósseis. Vale lembrar que o consumo de energia responde por 73% das emissões mundiais e a descarbonização da economia é uma demanda-chave do Acordo de Paris.

“A COP-26 é um fracasso”, disse Greta. De fato, parece que a Cúpula caminha para esse resultado. Ao menos se a régua de medição for a sugerida por Carolina Schmidt, presidente da COP-25, ao passar o bastão ao sucessor Alok Sharma. “O sucesso da COP-26 será avaliado em três áreas: ambições, finanças e regras”, afirmou ela em seu discurso. A começar pela redução de carbono, nem Estados Unidos, nem China e nem Rússia — os três maiores emissores históricos de CO₂ — revisaram suas metas tornando-as mais ambiciosas. Os presidentes da China, Xi Jinping, e da Rússia, Vladimir Putin, não se deram nem o trabalho de ir a Glasgow, assim como não o fez o presidente Jair Bolsonaro. O Brasil, que está em quarto lugar no mesmo ranking, foi o único a apresentar novas metas, mas por traz da boa intenção... greenwashing.

É simples entender a artimanha do governo brasileiro. No dia de estreia da Cúpula, enquanto Bolsonaro passeava pela Itália, o ministro Joaquim Leite, do Meio Ambiente, cumpria a ordem dada por seu chefe de anunciar as novas NDCs (Contribuições Nacionalmente Determinadas) do Brasil. De um palco montado em Brasília, com transmissão ao vivo para o estande brasi-



ISOLADO MAS COM METAS
Ministro do Meio Ambiente, Joaquim Leite, aproveita dia de estreia da COP-26 para anunciar, de Brasília, compromisso do País em elevar meta de redução de CO₂ a 50% até 2030

“Esta não é mais uma conferência climática. É um festival de greenwashing e blá-blá-blá”

GRETA THUNBERG
ATIVISTA



leiro no pavilhão da COP, Leite anunciava a elevação nas reduções de emissões de 43% para 50% até 2030. A questão é que ele não disse a base de cálculo. Se o Brasil usar o inventário de CO₂ estipulado ano passado e não o divulgado em 2015, o País andou, andou e voltou a se comprometer com o mesmo volume prometido pela então presidente Dilma Rousseff no Acordo de Paris.

Mesmo que pouco ambiciosa, a atitude agradou agentes da indústria. Para Júlio Nogueira, gerente de Sustentabilidade e Meio Ambiente da Klabin, que uma semana antes do evento havia dito à DINHEIRO esperar uma participação mais colaborativa do governo, não se frustrou. “Consequimos mudar um pouco a percepção de que seríamos um entrave ao avanço de uma economia de baixo carbono”, afirmou, ao fazer uma análise dos dez primeiros dias. “Demos um passo importante para sermos considerados parte da solução. Agora é preciso agir”, disse, sem esconder que é um otimista.

AMBIÇÕES, FINANÇAS E REGRAS Mas não foi só o Brasil quem deu suas pedaladas ambientais. A maquiagem verde de Joe Biden não foi pintada com demãos suficientes a ponto de esconder as impressões do carvão na economia americana. O país não assinou o acordo que estabelece a meta global de eliminar o uso do minério como fonte de energia até 2030. O acordo, liderado pelo Reino Unido, teve 40 países signatários. Brasil, Índia e Austrália também ficaram de fora. Atitudes como essa irritaram a diplomata francesa Laurence Tubiana, uma das arquitetas do Acordo de Paris. “Greenwash é o novo negacionismo climático. É uma maneira de escapar do problema”, afirmou em entrevista coletiva de Glasgow. A diplomata chegou a criticar a Austrália abertamente. “Prometem maravilhas para 2050, mas não querem falar do que podem reduzir no ano que vem.”

Os australianos não são os únicos. Para surpresa de absolutamente ninguém, a China também correu da responsabilidade. Após o presidente Xi Jinping ter usado o palanque da Assembleia Geral das Nações Unidas, em setembro, para anunciar que não financiaria mais usinas termelétricas a carvão em países estrangeiros, a China engrossou a lista dos não signatários do acordo pelo fim do minério como fonte de energia. Os chineses também ignoraram o acordo, capitaneado pelo presidente americano Joe Biden, de reduzir em até 30% as emissões de metano (CH₄) até 2030. As duas megapotências são, ao lado da Rússia e Índia, que também



PROTESTOS

Manifestantes acusam políticos do Brasil, Austrália, EUA, Rússia, e empresários (Rupert Murdoch) de serem criminosos ambientais em passeata pelas ruas de Glasgow

não assinaram a papelada, os quatro maiores emissores do gás que contribui com 18% do aquecimento global. China e EUA tentaram diminuir os efeitos da decisão ao fazerem circular na terça-feira (10) um acordo de cooperação mútua, sem meta ou prazo, para redução do CH4 e do carvão. O documento é de abril. Já o Brasil surpreendeu o mercado ao assinar o pacto ao lado de outros 40 países como Canadá e Chile. Só não disse como vai cumpri-lo.

Para Alexandre Prado, diretor de Economia Verde do WWF-Brasil, o ponto de atenção neste e nos outros compromissos é justamente a falta de definição da governança. “O acordo global de metano é um bom exemplo”, afirmou. “Estabelece apenas uma meta global de redução de 30%, mas não traz metas nacionais.” Sem saber com quanto cada país precisa contribuir, segundo Prado, fica difícil saber como o objetivo será alcançado.

Nem o setor financeiro ficou de fora das desconfianças. O anúncio do Glasgow Financial Alliance for Net Zero (GFANZ) de que de 450 empresas financeiras com US\$ 130 trilhões em ativos se comprometeram a ser carbono zero até 2050 foi alvo de críticas. Em carta aberta, 90 entidades ambientais acusaram o líder do grupo e ex-presidente do Banco da Inglaterra, Mark Carney, de facilitar a prática de maquiagem verde dos bancos. “Na verdade, muitas instituições financeiras, desde que se associaram ao GFANZ, emitiram financiamentos para empresas que estão expandindo a infraestrutura de combustíveis fósseis”, trouxe o texto.

Ainda que greenwashing não seja crime, o impacto na reputação é certo. Manifestantes se reuniram nas ruas de Glasgow em protesto no qual apareceram vestidos como os presidentes Jair Bolsonaro, Vladimir Putin (Rússia), Xi Jinping (China), Scott Morrison (Austrália) e o magnata Rupert Murdoch aglomerados, como criminosos ambientais. Com o aumento do ativismo social, é possível que na COP-27, os líderes de agora desfile pelas ruas do Egito na companhia de CEOs de empresas sujas e dos bancos que as financiam. **ES**

COOPERAÇÃO MULTILATERAL AVANÇA EM DIVERSAS FRENTEs

Carvão
 OBJETIVO: eliminar o uso do carvão como energia
 PRAZO: 2030 (países ricos); 2040 (em desenvolvimento)
 ADESAO: 40 países
 SIGNATÁRIOS: Canadá, Polônia, Chile e Ucrânia
 NÃO SIGNATÁRIOS: Brasil, China, EUA, Índia e Austrália

Financiamento
 OBJETIVO: US\$ 130 trilhões em ativos focados na transição por economia neutra em carbono
 PRAZO: 2050
 ADESAO: 500 instituições
 SIGNATÁRIOS: HSBC, o Bank of America e o Santander
 NÃO SIGNATÁRIOS: milhares de instituições financeiras

Florestas
 OBJETIVO: acabar com o desmatamento
 PRAZO: 2030
 ADESAO: 100 países
 SIGNATÁRIOS: Brasil e China
 NÃO SIGNATÁRIOS: sem relevância

Metano
 OBJETIVO: reduzir a emissão em 30%
 PRAZO: 2030
 ADESAO: 40 países
 SIGNATÁRIOS: EUA, UE e Brasil
 NÃO SIGNATÁRIOS: China, Rússia e Índia




JOÃO BATISTA XAVIER @gastruoclinica

A Clínica Gastrus - Centro de Diagnóstico de Gastroenterologia e endoscopia digestiva, se destaca no mercado pelo compromisso nos exames e consultas, visando o bem estar e saúde de seus pacientes. Tendo 15 anos de experiência na área, o Dr. João Batista dedica sua expertise para atender seus pacientes em Vitória de Santo Antão e região. Isso garante a confiança e o respeito deles nesses 11 anos de atuação da clínica GASTRUS.




CLAUS CAIO PACHECO @bomvidro

O empresário e engenheiro Caio Pacheco, diretor executivo da empresa Bom Vidro, têm acumulado casos de sucesso nestes 10 anos de atuação, tendo como sede a fábrica na cidade de São Caetano /PE e escritório comercial, na Cidade de Gravata /PE. Oferecendo vários tipos de serviços no setor vidreiro. Hoje, atua em mais de 35 municípios dentro e fora do estado, tendo como as redes sociais (@bomvidro), um dos principais portfólios.




FÁBIO OLIVEIRA @sodeliciasarcoverde

Pioneira na cidade de Arcoverde em seu segmento, a empresa Sô Delícias do empresário Fábio de Oliveira Almeida, teve início em 2000. Com histórico familiar, a mãe de Fábio iniciou o Ki-Delícia em um pequeno trailer, aos poucos ampliando os serviços prestados, mas foi em 2011 que Fábio assumiu o negócio, inovando e transformando não apenas o menu, mas a experiência do consumidor no local. Sempre priorizando seus clientes, têm sido exemplo para outros comércios locais e nas proximidades.




GUSTAVO ADOLFO @gustavoadolfofoccar

O prefeito Gustavo Adolfo, reeleito em 2020 na cidade de Bonito/PE, se destaca com as estatísticas de aprovação do seu mandato e pelo trabalho que vem sendo feito. Com o histórico de em 2017 ter sido homenageado com o prêmio Vasconcelos Sobrinho, ganhando o título de prefeito amigo do meio ambiente, continua dando visibilidade à sua gestão, fortalecendo o desenvolvimento do turismo da cidade. Além de Bonito se destacar como 1º lugar no Índice de oportunidades da educação brasileira, no Estado de Pernambuco.




LÚCIA FERNANDA PESSOA @emarinhojesuspe

A diretora Lúcia Fernanda Pessoa, tem orgulho dos 34 anos em que a Escola Menino Jesus vem educando as gerações. Localizada em Santa Cruz do Capibaribe, a escola que atende do infantil ao ensino médio, oferece educação bilíngue, educação financeira e empreendedorismo, habilidades socioeconômicas e ensino em esportes e robótica. Sempre oferecendo a melhor educação, visando mudar a vida de seus alunos.




JOSICLÉIA MOURA @clinicajosicliamoura

Josicléia Moura, fisioterapeuta, pós graduada em fisioterapia Dermatofuncional e Cosmetologia é a proprietária da Clínica Josicléia Moura, que têm como objetivo ajudar pessoas a alcançarem a sua melhor versão, recuperar a autoestima, ter autocuidado, priorizando sempre a saúde e bem estar dos seus pacientes. Com 11 anos de clínica na cidade de Riacho das Almas, oferece serviços de redução de medidas, depilação a laser, harmonização facial e corporal, entre outros serviços da estética avançada, fisioterapia e saúde.




JOÃO BATISTA DE SOUZA NETO @pancrystalindustria

João Batista e José Hibernon são os proprietários da Pancristal, empresa familiar com mais de 100 de tradição no segmento. Fundada em 1916 na cidade de Surubim, no estado de Pernambuco, foi através da terceira geração com o Sr. João Batista que a padaria se transformou em uma indústria de ponta. A Pancristal gera mais de 350 empregos diretos e com sua avançada tecnologia, tornou-se referência nacional na produção de pães e massas de bolos congeladas. Pancristal é sinônimo de tradição com inovação e qualidade




ALMIR DE SOUZA SILVA @locallinkprovedor

Há 8 anos a LocalLink se destaca com o atendimento diferenciado, oferecendo soluções de conectividade para mais de 30 cidades do interior de Pernambuco e Capital. Com a sede em Gravata/PE, o empresário Almir de Souza oferece serviços de internet fibra óptica, aplicativos, telefones corporativos e links dedicados corporativos. Além disso, tem ampliado sua malha de fibra própria, consolidando assim o sucesso em sua área, facilitando a entrada e a expansão da conexão de pessoas físicas e jurídicas na era digital.




CRISTIANE SOARES @barranpolda

A empresária Cristiane Soares Borges, é responsável pelo Restaurante Panela de Barro, que há 20 anos oferece os serviços de Buffet Self Service e cardápio à lá carte. Oferecendo serviços com essência em gastronomia por resgate, comida regional e internacional, com foco em uma gastronomia mediterrânea. Além da deliciosa comida, o restaurante oferece a calma e aconchego de um ambiente cercado por natureza, oferecendo os melhores pratos da região.




GENIVAL BARBOSA @sarahkalleyoficial

A Instituição de Ensino Educandário Sarah Kalley, administrada por Miriam Vieira e Genival Júnior, tem 34 anos de atuação no mercado. Com educação infantil, fundamental e médio, a Instituição em Cupira/PE investe na educação dos seus alunos com métodos de ensino e conceitos pedagógicos guiados para desenvolver seus alunos e o interesse pelo aprendizado. Os colaboradores do Educandário Sarah Kalley estão preparados e são apaixonados pelo ensino.




FABIANA AZEVEDO @donaibodega

A Dona Bodega desde o ano passado tem sido destaque no Shopping Difusora, em Caruaru. A empresária Fabiana Azevedo traz com a cafeteria e chopperia muito charme e variedade e está sempre inovando no atendimento ao cliente, marcando presença também nas redes sociais. Com toda a diversidade de produtos no cardápio que conta com cafés, chopp, salgadinhos, petiscos, cuscuz, consegue agradar todos os paladares e conquistar o público qualquer hora do dia.




ALEXANDRE VIEIRA @kf Racing

Se destacando em Jazeiro/BA, o KSF Kart São Francisco do piloto e empresário Alexandre Martins junto com o sócio Rodrigo Vilhena, têm movimentado a cidade com muita velocidade e diversão. Tomando todos os cuidados, além de fornecer o aluguel dos karts individual e em grupo para uso na pista de corrida deles, são feitas competições com premiação para os seus clientes. O KSF também conta com escolhinha e alguns dos pilotos formados, começam a desportar em campeonatos de kart em outros estados e inclusive em competições profissionais. Com 6 meses de funcionamento a empresa já é um sucesso, funcionando todos os dias e permitindo agendamento.

O CRITICADO BLOCO COMERCIAL SE TORNA SAÍDA PARA O GOVERNO BRASILEIRO TENTAR CONTER A INFLAÇÃO QUE BATEU 10,67% EM UM ANO. REDUZIR TARIFAS DE IMPORTAÇÃO, CONTUDO, TRAZ POUCO ALÍVIO PARA A ESCALADA DOS PREÇOS

Jaqueline MENDES

MERCOSUL PROBLEMA, MERCOSUL SOLUÇÃO



IMPORTADOS

O dólar em torno de R\$ 5,50 encarece produtos que chegam de fora, mas a alta de preços afeta também itens que o País produz, de alimentos a energia

Paulo Guedes, depois da vitória de Jair Bolsonaro, em 30 de outubro de 2018: “O Mercosul não é prioridade. Não, não é prioridade. Tá certo? É isso que você quer ouvir? Queria ouvir isso? Você tá vendo que tem um estilo que combina com o do presidente, não é? Porque a gente fala a verdade, a gente não tá preocupado em agradar.” O mesmo Guedes, há quase três anos completos como ministro da Economia, com inflação galopante, em 8 de novembro de 2021: “Criamos o Mercosul como uma ferramenta. Tivemos uma visão antecipatória e criamos uma belíssima ferramenta para auxiliar a integração competitiva da nossa região na economia global. É justamente essa oportunidade que transforma nosso mercado em extraordinariamente atraente e, ao mesmo tempo, moderno, para que sigamos no projeto de integração global.” O que mudou entre uma fala e outra? A inflação. Em outubro de 2018, segundo o IBGE, houve alta de 0,45% nos preços e avanço 4,56% em 12 meses. Três anos depois, o mesmo indicador apontou incremento mensal de 1,25%, batendo em 12 meses estrondosos 10,67%.

Sem ter controle das decisões do Banco Central, evitando interferir nos preços da Petrobras e com São Pedro ajudando pouco com as chuvas, restaram poucas ferramentas para o governo para contenção dos preços administrados medidos pelo IPCA. Então a estratégia de Guedes foi olhar para o bloco que tantas vezes desdenhou nos últimos anos. Na sexta-feira (5), o primeiro passo foi dado. O governo brasileiro anunciou a redução em 10% das tarifas de importação de aproximadamente 87% dos bens importados. E os membros do Mercosul são grandes produtores de insumos como trigo, arroz, leite e carne — alguns dos maiores vilões da inflação. A decisão do Comitê Executivo de Gestão da Câmara de Comércio Exterior (Camex) tem validade até o dia 31 de dezembro de 2022. Em nota conjunta, os Ministérios da Economia e das Relações Exteriores, informaram que “a medida se justifica pela situação de urgência trazida pela pandemia de Covid-19 e pela necessidade de poder contar, de forma imediata, com um instrumento que possa contribuir para aliviar seus efeitos negativos sobre a vida e a saúde da população brasileira”.

Se for verdade, a decisão chegou com atraso. A pandemia já corrói a atividade econômica há quase dois anos e a inflação está descontrolada e alojada na economia há mais tempo do que a Covid-19. Mesmo assim, Guedes diz haver tempo hábil. “Gostaríamos de dar um choque de oferta, facilitar a entrada de importações para dar uma moderação nos reajustes de preços. É o momento ideal para fazer uma abertura, ainda que tímida, da economia”, afirmou, na Conferência de Comércio Internacional e Serviços do Mercosul, promovida pelo Conselho de Câmaras de Comércio do bloco.

Com a decisão, um produto que paga 12% para entrar no Brasil pagará 10,8%. Segundo o Ministério da Economia, a Tarifa Externa Comum (TEC) média do Mercosul está em 13%, contra a média de 4% e 5% registrada no restante do mundo. Por ser uma união aduaneira, o Mercosul taxa a maioria dos produtos de fora do bloco de



forma igual por meio da TEC, eliminando as tarifas internas na circulação desses bens entre os países do bloco. Além de produtos com tratamento especial, cada país pode estabelecer uma lista com até 100 exceções.

POUCO EFEITO Além de fora do timing, a decisão do governo não deve surtir efeitos práticos na economia porque a inflação não tem sido alimentada pela falta de oferta, mas pela questão do câmbio. Para a economista-chefe do banco Ourinvest, Fernanda Consorte, o problema está na má gestão. “Claramente, essa volatilidade se dá pela má administração do País”, disse. “Dólar a R\$ 5,50 é um patamar muito alto.”

Para André Braz, pesquisador do Ibre-FGV, a medida pode ter um impacto oposto do pretendido por Guedes. Um exemplo seria na colheita do feijão, em que o pequeno produtor teve aumento de despesas com fertilizantes e frete, precificados em dólar, e não consegue reduzir o preço. Ele diz que a chegada de um importado mais barato pode inviabilizar o negócio desse produtor, o que reduziria a oferta e elevaria os preços. Além disso, o pesquisador explica que, se de um lado a redução dos impostos beneficia alguns segmentos, por outro pode abrir um buraco que vai gerar maior incerteza na economia. “E essa própria incerteza alimenta o câmbio, que aumenta a inflação”, disse Braz. Nesse cenário, o Mercosul que era um problema para Guedes, depois virou aliado no combate à inflação, pode se tornar uma pedra ainda maior no sapato. **S**

NOVA POSTURA
Ministro Paulo Guedes quer usar o comércio com os países vizinhos para conter a inflação — que desta vez não tem origem no excesso de demanda e sim no aumento dos custos de produção e na elevação do risco fiscal que o próprio governo criou



PRECISAMOS FALAR SOBRE O DESEMPREGO

Revisão do Caged com a diminuição de 67 mil postos de trabalho formais em 2020 é apenas a ponta do iceberg de um problema que arrastaremos, pelo menos, até 2026

Paula CRISTINA

1,5%

É A ESTIMATIVA MÉDIA DE CRESCIMENTO ANUAL DO PIB DO BRASIL ENTRE 2023 E 2026. COM ESSA CIFRA, ENTRARÍAMOS EM 2027 COM DESEMPREGO EM 11,6%

Uma revisão dos números do Cadastro de Geração de Emprego e Desemprego (Caged), do Ministério do Trabalho, cortou quase pela metade a quantidade de empregos formais gerados no Brasil em 2020. A estimativa inicial, de 142,6 mil postos foi revisada para 75,8 mil após uma análise fina dos dados. O governo diz houve um problema no repasse dos dados das empresas. Por isso, o erro. Independentemente de como tenha se dado o equívoco, o importante é o que ele representa. O Brasil vai mal de emprego, e isso não vai mudar logo. Uma estimativa da FGV/Ibre aponta que, com um crescimento baixo do PIB, o sonho de voltar ao desemprego de um dígito virá só depois 2026.

No entendimento de Luiz Guilherme Schymura, doutor em economia e pesquisador do Ibre/FGV, com um crescimento de 1,5% ao ano entre 2023 e 2026 (número condizente com as expectativas do mercado) seria possível levar a taxa de desemprego (com ajuste sazonal) para 11,6% em 2026. No caso de um crescimento de 2,5% no mesmo período, o desemprego bateria 10,8%, ainda nos dois dígitos. Tudo isso enquanto se aprofundam as diferenças sociais, já que a falta de emprego pune de forma mais bruta os mais pobres. Para se ter uma ideia, em 2020, 17,1% das pessoas sem instrução e com o ensino fundamental incompleto estavam desempregadas, número que cai para 14,8% para o grupo com fundamental completo e ensino médio incompleto. Quando olhamos os que possuem médio completo e superior incompleto, a cifra vai para 6,4%. Entre os brasileiros com superior completo, por outro lado, houve avanço de 5,5% nos empregos em 2020.

FUTURO E se é possível antecipar o problema, também é possível pensar em soluções. Com a eleição presidencial se desenhando no horizonte, os candidatos terão que apresentar soluções para o problema. Para José Carlos Borgonhoni, doutor em economia pela USP e ex-pesquisador do PNAD, uma forma de elevar o número de empregos sem depender diretamente da retomada da atividade econômica é ter o governo como centro da política pública. “Há alguns anos, a saída foi investir em obras de infraestrutura. Isso movimentou o mercado de trabalho. Hoje o mais condizente seria o governo investir na economia verde”, disse. Em outras palavras, grandes projetos para mudança da matriz energética, liberação de crédito para que as industriais reestruturarem suas operações para emitir menos carbono e desenvolver uma economia verde, em especial na Região Norte, seria capaz de dar esse choque de emprego. “Esperar um aumento de demanda sem estímulo é ficar a ver navios”, disse. O negócio, disse ele, é uma criar uma economia nova. **ES**

A EBULIÇÃO DO ORÇAMENTO SECRETO

Os poderes Legislativo e Executivo até tentaram dar ares de normalidade para uma prática, no mínimo, pouco transparente. Só faltou combinar com o STF

Paula CRISTINA

Aprovação em segundo turno da Proposta de Emenda Constitucional (PEC) 23 na Câmara dos Deputados, aquela que empurra para cima do teto de gastos R\$ 91,6 bilhões, não veio sem um revés para Legislativo e Executivo. Enquanto os dois tentavam encontrar a fórmula para garantir que não faltasse recurso para uso próprio em ano eleitoral, o terceiro pilar do nosso tripé democrático atravessou a Praça dos Três poderes e, por 8 votos 2, decidiu que suspender os pagamentos de emendas parlamentares implicadas no orçamento secreto por meio do relator do Orçamento – que em 2022 seria em grande parte abastecida com esse recurso acima do teto. A decisão do Supremo Tribunal Federal (STF), foi um balde de água fria para as lideranças do centrão na Câmara, que perdem um importante vetor para reparar recursos sem lastro, e caracteriza uma derrota para o governo, que também fica sem capacidade de barganha na negociação com os parlamentares no futuro.

Com uma votação quase simultânea no Judiciário e Legislativo, logo no começo da terça-feira (9), o STF já deu indícios de que a suspensão das emendas viria. Com relatoria da ministra Rosa Weber, o texto que indicava a interrupção dos pagamentos das emendas do Orçamento Secreto se pautava na falta de transparência no uso do dinheiro público. Isso porque

fica a critério do relator do Orçamento a escolha e encaminhamento de recursos parlamentares, facilitando o clientelismo, o fisiologismo e tratando os parlamentares de modo a ferir a isonomia constitucional dos representantes do povo. Com isso, seguiram a relatora os ministros: Cármen Lúcia, Luís Roberto Barroso, Edson Fachin, Ricardo Lewandowski, Alexandre de Moraes, Luiz Fux, Dias Toffoli – nessa ordem.

No outro prédio, Arthur Lira, presidente da Câmara (PP-AL) liberava a votação remota para os parlamentares enfermos, negociava com partidos e angariava apoio para aprovação da PEC 23. Com alguns partidos revendo o posicionamento depois de ter votado a favor no primeiro turno (como o PDT), o trabalho de Lira era virar outros votos. E o resultado foi positivo, mas ficou longe de ser acachapante. Foram 323 votos favoráveis contra 172 contrários. Segundo um parlamentar que votou pela PEC, esse número estava próximo de 350 antes do STF colocar o assunto do Orçamento Secreto na pauta. “Muitos parlamentares foram contrários no primeiro turno para abrir o diálogo com Lira, mas outros tantos mudaram de lado quando viram que o STF poderia judicializar a questão”, disse um parlamentar em condição de anonimato.

E se o presidente Jair Bolsonaro vem questionando a forma como “essas pautas são tratadas no STF”, o vice-presidente Hamilton Mourão se mostrou favorável ao resultado. “Acho que os princípios da administração pública, de legalidade, de impessoalidade, moralidade, publicidade e eficiência não estavam sendo respeitados, não é, nessa forma aí de execução orçamentária. Então, eu acho que a intervenção do STF foi oportuna.” Mourão ainda brincou que “se o dinheiro fosse meu, eu posso até rasgar, mas o dinheiro não é meu. O dinheiro pertence a cada um de nós que paga imposto e contribuiu para que o governo possa se sustentar”, afirmou o vice-presidente, deixando claro em qual prédio da Praça dos Três Poderes ele está mais próximo. **ES**



“É princípio da administração pública. Eu não posso mandar um recurso para um lugar 'X' que eu não sei como é que vai ser gasto”

HAMILTON MOURÃO,
VICE-PRESIDENTE DA REPÚBLICA



O NOVO PERFIL DO LUCRO

Gigantes do varejo controlaram a inadimplência e reforçaram aposta no digital

Cláudio GRADILONE

Ao comentar os resultados do terceiro trimestre, Octavio de Lazari, presidente do Bradesco, fez questão de frisar as diferenças do panorama visto do edifício cravado no coração da Cidade de Deus com os prognósticos mais frequentes para a economia brasileira. “A visão dos economistas e do mercado financeiro mostra várias dificuldades para 2022”, disse Lazari. “Nós temos isso em perspectiva, mas esse não é o cenário com que trabalhamos para definir o orçamento no ano que vem. Ao contrário, nossa perspectiva é de crescimento das nossas atividades.”

Lazari tem motivos para estar otimista. Os resultados do Bradesco referentes ao terceiro trimestre surpreenderam positivamente o mercado. O Bradesco lucrou R\$ 6,8 bilhões, alta de 34,5% frente ao mesmo período de 2020. Além de lucrar mais, o banco melhorou seu desem-

penho em comparação com os resultados anteriores. A carteira de empréstimos avançou 16,4% no ano para R\$ 773 bilhões. E mesmo assim a Provisão para Devedores Duvidosos (PDD) recuou quase 40% em relação ao mesmo período do ano passado.

Segundo Lazari, o aumento da carteira com redução da provisão para a inadimplência foi possível por dois motivos. O primeiro foi a injeção de R\$ 300 bilhões na economia sob a forma de auxílio para pessoas e pequenas empresas. “A popula-



O cenário com que trabalhamos para definir o orçamento do ano que vem é de crescimento”

OCTAVIO DE LAZARI
PRESIDENTE DO
BRADESCO

Pela ordem cronológica, Santander, Itaú Unibanco e Banco do Brasil divulgaram um desempenho melhor do que as expectativas. Porcentualmente, o Banco do Brasil liderou a alta frente ao mesmo período de 2020, com crescimento de 49,4%. Depois vieram Itaú Unibanco (34,8%) e Bradesco (34,5%), com Santander encerrando a fila (12,5%). Somados, os quatro grandes lucraram R\$ 22,5 bilhões, avanço de quase 32% (observe o quadro). É o terceiro maior resultado trimestral segundo um levantamento da empresa de informações financeiras Economática.

Fausto Ribeiro, presidente do Banco do Brasil, também não tem do que se queixar com relação aos resultados do trimestre. O resultado veio acima das expectativas do mercado, e foi encorpado pela melhora da margem financeira, especialmente devido ao avanço de 65% no resultado com as operações da tesouraria. Segundo avaliação do analista do Banco Inter Matheus Amaral, o crescimento das receitas com serviços, gestão de recursos e seguros também foi positivo. **ES**



BOAS MARGENS

Ganhos com serviços e tesouraria melhoraram o resultado do BB, presidido por Fausto Ribeiro

DOS BANCOS

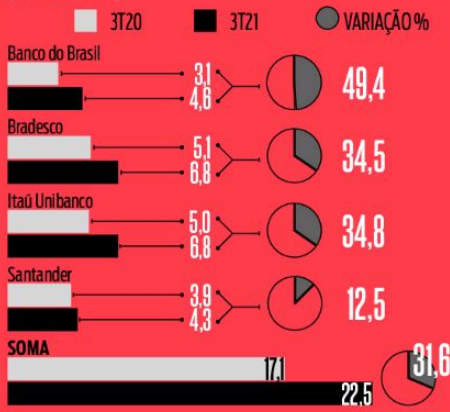
ção brasileira é pouco endividada e manter o nome limpo é importante, por isso esses recursos ajudaram os clientes a honrar seus compromissos”, disse o executivo.

DIGITALIZAÇÃO Boa parte desse avanço nos resultados deveu-se a uma estratégia do Bradesco e das demais instituições financeiras, a ênfase na digitalização das transações com os clientes. Por meio dos recursos digitais, os bancos puderam ser mais precisos na hora de emprestar. “Nós melhoramos nossa maneira de avaliar o cliente e agora vamos além de apenas conceder ou negar o empréstimo, conseguimos ser mais assertivos no limite que pode ser concedido”, disse ele. “A diferença entre o remédio e o veneno é a dose.”

O resultado do Bradesco não foi uma exceção. Os três outros gigantes bancários de varejo também mostraram bons números.

VOLTA À VELHA FORMA

Lucros dos bancos de varejo no terceiro trimestre
(Em R\$ bilhões)



Fonte: Empresas



EM ALTA

1,60% foi o aumento do Índice Geral de Preços - Disponibilidade Interna (IGP-DI) em outubro após ter caído 0,55% em setembro. Com este resultado, o índice acumula alta de 16,96% no ano e de 20,95% em 12 meses, informou a Fundação Getúlio Vargas (FGV). Em outubro de 2020, o índice havia subido 3,68% e acumulava elevação de 22,12% em 12 meses. O Índice de Preços ao Produtor Amplo (IPA) subiu 1,90% em outubro devido aos avanços nos preços do óleo diesel (10,24%), da gasolina (6,62%) e do minério de ferro (4,29%).



EM BAIXA

0,4% foi a retração da produção industrial em setembro na comparação mensal dessazonalizada, resultado entre a estimativa do mercado (-0,2%) e a projeção (-0,6%). A produção de manufaturados e de material de construção continua em tendência de queda. A demanda por bens industriais também começa a perder fôlego, segundo a FGV. Os dados sinalizam que o setor de bens já está desacelerando, enquanto a normalização do setor de serviços é o único motor para o crescimento marginal do Produto Interno Bruto (PIB) no Brasil.

INDICADORES ECONÔMICOS

PIB CRESCIMENTO (FONTE: BANCO CENTRAL)

	2º TRIM/21	1º TRIM/20	4º TRIM/20	3º TRIM/20	2020
PIB (DESSAZ.)	-0,1%	1,2%	3,1%	7,7%	-4,1%
PIB EM US\$ BILHÕES *	1.501,2	1.414,3	1.444,5	1.523,3	1.444,5

ATIVIDADE **

	AGO/21	JUL/21	JUN/21	NO ANO	
PRODUÇÃO INDUSTRIAL (IBGE)	-3,9%	-0,6%	1,2%	10,0%	7,5%
VOLUME DE VENDAS NO VAREJO RESTRITO (IBGE)	-	-4,2%	5,8%	6,3%	6,6%
TAXA DE DESEMPREGO - PNAD CONTÍNUA (IBGE)	-	13,2%	13,7%	14,1%	-
UTILIZAÇÃO DA CAPACIDADE INSTALADA (CNI) - DESSAZ.	-	82,3%	82,4%	82,5%	-

INADIMPLÊNCIA ***

	SET/21	AGO/21	JUL/21	JUN/21	MÉDIA EM 2021
PESSOA FÍSICA ATÉ 90 DIAS	3,8%	3,6%	3,6%	3,7%	3,7%
PESSOA F. ACIMA DE 90 DIAS	4,3%	4,2%	4,1%	4,0%	4,1%
PESSOA JURÍDICA ATÉ 90 DIAS	1,3%	1,4%	1,4%	1,3%	1,5%
PESSOA J. ACIMA DE 90 DIAS	1,6%	1,6%	1,6%	1,6%	1,6%

CONTAS PÚBLICAS (% PIB) * (A)

	SET/21 A OUT/20	AGO/21 A SET/20	JUL/21 A JUN/20	JUN/21 A MAI/21 A	MAI/21 A JUN/20
RESULTADO NOMINAL	4,84%	5,62%	6,82%	7,29%	9,09%
RESULTADO PRIMÁRIO	0,63%	1,57%	2,87%	3,78%	5,38%

DÍVIDA BRUTA DO GOVERNO GERAL

	SET/21	AGO/21	JUL/21	2020	2019
DÍVIDA BRUTA INTERNA	82,96%	82,66%	83,06%	88,83%	74,26%
DÍVIDA BRUTA EXTERNA	72,07%	72,04%	72,47%	77,79%	64,84%

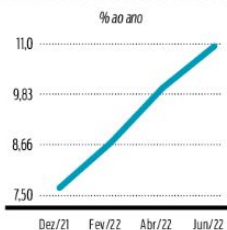
CONTAS EXTERNAS (US\$ MILHÕES)

	OUT/21	SET/21	AGO/21	JUL/21	NO ANO
INVESTIMENTO DIRETO ESTRANGEIRO	-	4,495	4,451	6,103	40,740
EXPORTAÇÕES	22,520	24,272	27,294	25,587	235,870
IMPORTAÇÕES	20,516	19,962	19,545	18,121	177,291
SALDO COMERCIAL	2,004	4,310	7,750	7,467	58,579
SALDO EM TRANSAÇÕES CORRENTES	-	-1,699	1,797	-1,505	-8,082
RESERVAS INTERNACIONAIS LÍQUIDAS	-	368,886	370,395	355,671	368,886
DÍVIDA EXTERNA TOTAL	-	320,305	321,390	306,724	320,305

* Acumulado nos últimos 12 meses. ** Em relação ao mesmo período do ano anterior, exceto utilização de capacidade instalada e taxa de desemprego. *** Emprego da volume de crédito concedido. - Recursos (mes) (A) Superavit (+) e Déficit (-). conforme notas econômicas do BACEN

JUROS FUTUROS

25/10/2021



IPCA (IBGE)

Var. ac. ao ano %



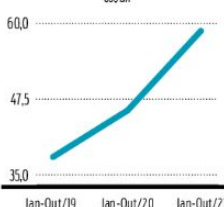
RISCO-PAÍS

EMBI + BR (fim de mês)



BALANÇA COMERCIAL (MDIC)

US\$ bn



PRINCIPAIS ÍNDICES

INFLAÇÃO	OUT/21	SET/21	AGO/21	NO ANO	12 MESES
IPC - FIPE	1,00%	1,13%	1,44%	8,32%	10,30%
IGP-M (FGV)	0,64%	-0,64%	0,66%	16,74%	21,73%
IGP-DI (FGV)	1,60%	-0,55%	-0,14%	16,96%	20,95%
IPCA (IBGE)	1,25%	1,16%	0,87%	8,24%	10,67%
IPCA - NÚCLEO MM SUAVIZADO	0,84%	0,63%	0,68%	5,54%	6,31%
JUROS/APLICAÇÃO (EM%)	OUT/21	SET/21	AGO/21	NO ANO	12 MESES
CDI	0,49%	0,44%	0,43%	3,02%	3,35%
TLP	0,35%	0,32%	0,30%	2,70%	3,09%
POUPANÇA	OUT/21	SET/21	AGO/21	NO ANO	12 MESES
TLP	0,43%	0,40%	0,40%	3,90%	4,67%
CDB/RDB - TAXA PREFIXADA MÉDIA	0,59%	0,63%	0,68%	5,20%	6,08%
CÂMBIO/PETRÓLEO	09/11/2021	NOV/20	NO ANO	12 MESES	
REAIS/US\$ (COMERCIAL VENDA)	5,496	2,68%	-5,44%	-3,89%	
US\$/EURO	1,159	0,29%	-5,60%	-2,05%	
IENE/US\$	112,94	0,98%	-8,73%	-6,68%	
PETRÓLEO À VISTA BRENT (US\$/BARRIL)	84,78	0,47%	63,67%	99,95%	
MERCADOS FUTUROS 09/11/2021	DEZ/21	FEV/22	ABR/22	JUN/22	
CÂMBIO (R\$/US\$)	DEZ/21	FEV/22	ABR/22	JUN/22	
DI DE 1 DIA (% A.A.)	7,69	8,74	10,00	10,96	
DEZ/21	FEV/22	ABR/22	JUN/22		
IBOVESPA (PONTOS)	106.166	107.705	109.399	111.517	
CAFÉ ARÁBICA (60KG - ICF)	DEZ/21	MAR/22	MAI/22	SET/22	
	242,50	250,00	252,35	251,00	

Material elaborado pela empresa de análise de risco Austin Rating, www.austin.com.br

PALAVRA DO GESTOR

RAFAEL FORNARI, DA MASTER ASSET MANAGEMENT

O que vai mudar na Master Asset Management (MAM)?

Temos ativos sob gestão de R\$ 11,8 bilhões. Cerca de R\$ 6 bilhões estão em Fundos de Investimento em Participações (FIP). Há R\$ 1,5 bilhão em fundos de direitos creditórios (Fidc) e mais R\$ 1,5 bilhão em fundos imobiliários. Agora, pretendemos lançar fundos de renda fixa e de ações.

Qual a estratégia para a renda variável?

Vamos lançar um fundo long-only. Já o lançamento de um fundo passivo ainda está em discussão. Esses fundos vêm sofrendo a concorrência dos Exchange Traded Funds (ETF), graças ao trabalho bem feito de educação financeira que tem sido realizado pelas plataformas de distribuição de produtos financeiros, pelos agentes autônomos e pelos influenciadores digitais.

Vão lançar fundos multimercados?

Não. A explicação para isso é simples. Para gerir bem um multimercado é preciso ter uma equipe maior de profissionais, que vai se dedicar a um produto específico. O custo de montar um time bom é elevado. E como esse segmento é imprevisível, mesmo com profissionais qualificados não há garantias de um bom desempenho. Por isso, nesse caso nós avaliamos que a



QUEM É E O QUE FAZ

Foi diretor da empresa de gestão do Banco Votorantim

É o principal executivo da Master Asset Management

melhor estratégia será lançar um fundo de fundos (FOF), que invista nos melhores produtos à disposição no mercado.

E no caso dos fundos imobiliários?

Temos de dividir esses ativos em várias categorias. Começando com os fundos que investem em títulos lastreados por ativos imobiliários. Esses são os mais promissores, pois a rentabilidade dos papéis acaba acompanhando os movimentos dos juros, e as taxas estão subindo.

E os demais?

O cenário para as lajes corporativas é positivo, mas a longo prazo. Ainda há uma vacância elevada e um movimento de "fly to quality", em que os locatários se mudam para escritórios melhores pagando o mesmo pela locação. Esse movimento vai se encerrar, mas isso ainda demora. Já fundos de hotéis e de galpões são mais interessantes.

Por que?

A taxa de ocupação dos hotéis melhorou, e há poucos fundos no mercado voltados para esse tipo de imóvel, então passou a ser uma boa alternativa. E a demanda por galpões logísticos, especialmente os mais próximos, localizados em um raio de 30 km de São Paulo, permanece muito aquecida.

FUNDOS CAPTARAM R\$ 15,7 BILHÕES EM OUTUBRO

A indústria de fundos captou R\$ 15,7 bilhões líquidos em outubro, segundo a Anbima, que representa o setor. Com esse resultado, o saldo líquido chegou a R\$ 420,9 bilhões. A renda fixa liderou a entrada líquida de recursos no mês, mas houve uma redução no fluxo de captação, que caiu para R\$ 17,4 bilhões ante os R\$ 35,8 bilhões investidos em setembro. Pela segunda vez no ano, os fundos de ações tiveram resgates. Saíram R\$ 6,1 bilhões líquidos, ante os resgates de R\$ 2,2 bilhões em setembro.

RAYSSA LEAL ELEVA VENDAS DA BRASILPREV

Durante o mês de outubro, a Brasilprev, empresa de previdência privada do Banco do Brasil, vendeu 109 mil planos de previdência para clientes de até 21 anos. Segundo a empresa, as vendas foram alavancadas por uma campanha de marketing com a skatista Rayssa Leal, campeã nos jogos olímpicos de Tóquio. Cerca de 60% dos recursos vieram de pais e mães, 19% de avós e 11% de tios e tias, que investiram o dinheiro e indicaram filhos, netos e sobrinhos como beneficiários.

CVM SUSPENDE LANÇAMENTO ESG DA RIO BRAVO

A Comissão de Valores Mobiliários (CVM) suspendeu por 30 dias a oferta de quotas do Rio Bravo ESG, fundo de fundos dedicado a carteiras incentivadas de infraestrutura com uma pegada ESG. Segundo a CVM, a suspensão deve-se à falta de informações no prospecto preliminar de emissão do fundo. Procurada, a Rio Bravo informou que "vai se pronunciar nos meios previstos pela CVM no âmbito da oferta. E, em breve, por meio de um comunicado ao mercado".



O QUE BOLSONARO JÁ SABIA ANTES DE LANÇAR O AUXÍLIO BRASIL

No livro A Economia dos Pobres, dois vencedores do Nobel de Economia apontam as reais causas da desigualdade, criticam a “esmola” e explicam o que políticos ganham quando muitos passam necessidade

Quem nunca foi pobre sempre terá dificuldade em compreender como é possível viver com pouco (às vezes nenhum) dinheiro. A falta de compreensão do que seja acordar sem saber como conseguir a próxima refeição talvez distorça também a visão dos políticos — e da sociedade como um todo — sobre o que é preciso fazer para reduzir a miséria. Por isso tantas campanhas para combater a fome, sejam elas idealizadas por celebridades (como *We Are the World*, no já distante ano de 1985), sejam por governos (especialmente de países pobres onde há fome), se baseiam em doações. Não é de espantar que o primeiro Objetivo de Desenvolvimento do Milênio proposto pela ONU seja “reduzir a pobreza e a fome”. Para atingir esse nobre objetivo, contudo, a Organização das Nações Unidas não tem uma fórmula. Talvez ninguém tenha, nem mesmo os professores de economia do Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT) Abhijit V. Banerjee e Esther Duflo, vencedores do prêmio Nobel de Economia em 2019 e autores do livro *A Economia dos Pobres* (Editora Zahar), em que propõem “uma nova visão sobre a desigualdade”. Ainda que não tenham descoberto uma receita para reduzir a pobreza e a fome, a dupla de estudiosos é bem crítica à doação pura e simples de dinheiro, alimentos, remédios e até computadores para as escolas. Por duas razões. A primeira (não inteiramente comprovada, mas cujas evidências são inegáveis) é que a ajuda tende a corromper governos, enriquecer uns poucos e não chegar à ponta. Se esse argumento é questionável, o seguinte é ainda mais controverso. “Devemos respeitar a liberdade das pessoas — se não querem alguma coisa, não adianta forçá-las: se as crianças não querem ir à escola, deve ser porque não faz sentido ser educado”, escreveram Banerjee e Duflo. Será?

Muitos programas de distribuição de renda se baseiam em contrapartidas. O próprio Bolsa Família, criado pelo PT e que Bolsonaro quer turbinar para tentar se reeleger a qualquer custo (mesmo que seja levar o País à bancarrota enquanto deputados fazem a festa com verbas bilionárias) prevê uma “troca”. Só recebe dinheiro do programa quem leva os filhos à escola. Mas nem o Bolsa Família, nem o Auxílio Emergencial criado para compensar a falta de renda decorrente da pandemia de Covid-19 têm conse-

guido impedir que os brasileiros empobrecam. Nem que passem fome. Segundo o relatório *Efeitos da Pandemia na Alimentação e na Situação da Segurança Alimentar no Brasil*, realizado por pesquisadores da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e da Universidade de Brasília (UnB), entre agosto e dezembro de 2020 havia insegurança alimentar grave em 15% dos domicílios brasileiros. Estatísticas a parte, a soma de inflação (acima de 10% nos últimos 12 meses) e de desemprego (na faixa de 14%) não tem outro resultado possível que não mais gente passando necessidade. E as soluções do governo para combater tanto carestia quanto a falta de trabalho têm se mostrado inócuas. O que resta ao governo? Subornar o Congresso para institucionalizar um calote (postergando o pagamento de dívidas reconhecidas pela Justiça) e destinar R\$ 80 bilhões para levar o benefício de R\$ 400 a 17 milhões de famílias. A manobra é imoral, mas pode se tornar legal se o Senado seguir a mesma toada da Câmara e aprovar a PEC dos Precatórios. O problema é que nem trocar o pagamento de precatórios por esmola resolve algo crônico no Brasil, que é a armadilha da pobreza. Na verdade, o mercado reagiu muito mal ao valor do Auxílio Brasil e sua ameaça ao teto de gastos. Pois, paradoxalmente, se tudo vai mal na economia, pode ir bem para os políticos. Reproduzo aqui um trecho do livro de Banerjee e Duflo que explica melhor:

“Boas instituições econômicas estimularão os cidadãos a investir, acumular e desenvolver novas tecnologias, e resultado disso é que a sociedade prosperará. Instituições econômicas ruins terão efeitos opostos. Um problema é que os governantes, que têm o poder de moldar instituições econômicas, não consideram necessariamente interessantes para si próprios permitir que seus cidadãos se desenvolvam e prosperem. Eles podem estar pessoalmente melhores com uma economia que imponha muitas restrições sobre quem pode fazer o quê (as quais relaxam seletivamente a seu favor), e o enfraquecimento da concorrência pode, na verdade, ajudá-los a permanecer no poder.” Bolsonaro já sabia disso. **ES**

*Celso Masson é diretor de núcleo da DINHEIRO



Apresenta

@tombrasilshows

@grupotombrasil

#tombrasil

MESAS A PARTIR DE 02 LUGARES



CONFIRA A PROGRAMAÇÃO COMPLETA

MINISTÉRIO DO TURISMO e TOM BRASIL apresentam:

Musical O Pequeno Príncipe EM VERSÃO BRASILEIRA!

**CURTA TEMPORADA!
INGRESSOS GRATUITOS!**



Apoiado por:

Subsídios do Governo Federal são aplicados em áreas de infraestrutura cultural. No caso de 16 apresentações acompanhadas pelo Ministério do Turismo e pelo Ministério da Cultura, o produtor cultural deverá obrigatoriamente apresentar o documento de aprovação do Ministério do Turismo. Para mais informações, consulte o site: www.governo.br ou o telefone: 0800-88-10000. Para mais informações, consulte o site: www.governo.br ou o telefone: 0800-88-10000.

MARIA RITA

samba
da
maria

12/11
sexta

3x
EM
SEM JUROS



ROCKING YOUR LIFE

SHOW ACÚSTICO: TOCANDO OS SUCESSOS DE SUAS BANDAS E CLÁSSICOS DO ROCK MUNDIAL



FÁBIO LIONE (CANTORA / BATERIA)
MARCELO BARBOSA (CANTOR)
ALÍRIO NETTO (CANTOR / GUITARRISTA / BATERIA)
ALBERTO RIONDA (CANTOR)

COM GRANDES CONVIDADOS DO ROCK INTERNACIONAL

19 DE NOVEMBRO
DE 2021 (SEXTA)

3x
EM
SEM JUROS

Roberta Miranda

My Life



20/nov
sábado

3x
EM
SEM JUROS

ENCENADO E DIRECIONADO POR JÓRGEE FARJALLA
DIREÇÃO MUSICAL POR MIGUEL BRIAMONTE



VAI TURISMO AVANÇA PELO BRASIL.



O projeto é uma oportunidade de integrar propostas e conectar instituições para recomendar políticas públicas que estimulem o desenvolvimento sustentável de destinos turísticos brasileiros.

Saiba mais em vaiturismo.com.br

A (R)EVOLUÇÃO DO



BRASIL COM O 5G

Com o resultado do leilão liderado pelas teles Claro, Tim e Vivo, o País terá avanços em produtividade e vai gerar novos negócios nas áreas de mobilidade, logística, Indústria 4.0, saúde e educação. Mas nem tudo deve acontecer na mesma velocidade da nova tecnologia

Beto SILVA

De tempos em tempos, a humanidade passa por grandes transformações. Muda-se o modo de se relacionar, de se locomover, de se alimentar, de produzir. Quase sempre por meio do protagonismo da tecnologia. As evoluções já foram pelo arado, máquina a vapor, eletricidade. Na era da digitalização, a velocidade na troca de dados dita o ritmo e molda hábitos da sociedade. A tecnologia 5G tem sido protagonista dessa mudança de patamar global. Demorou, mas o Brasil acaba de dar um salto à modernidade com a realização do leilão das faixas da quinta geração de internet, concluído na última semana. Pelos próximos dez anos, investimentos bilionários da iniciativa privada vão ajudar o País a avançar em produtividade, competitividade, crescimento econômico e bem-estar social da população. Será a chance de disputar mercados com potências mundiais de igual para igual — ou perto disso. A realidade vai depender de fatores outros, como a segurança política e jurídica do Brasil e a criação de um ambiente favorável para atrair mais e novos negócios.

A perspectiva, por enquanto, tem sido positiva. Estudo da consultoria IDC encomendado pelo Instituto IT Mídia aponta que nos próximos quatro anos o 5G vai gerar US\$ 25,5 bilhões de novos contratos em território brasileiro. Levantamento 5G Business Potential, da Ericsson, prevê receitas de US\$ 28 bilhões impulsionadas diretamente pela nova tecnologia no País até 2030. O prognóstico feito pela Nokia é ainda mais otimista: o impacto da quinta geração de internet no PIB será de US\$ 1,2 trilhão nos próximos 15 anos.

Números e possibilidades que fizeram o ministro das Comunicações, Fábio Faria, proferir declarações eufóricas após o leilão. “Teremos um novo Brasil. O mundo vai olhar para o Brasil com uma nova perspectiva. O País mostrou ao planeta que virou um player de economia digital e será o primeiro da América Latina a ser um grande hub de inovações para o mundo”, disse ele na segunda-feira (8), na abertura da 2ª edição do evento Futurecom Digital Week.

No total, o leilão do 5G realizado pela Anatel movimentou R\$ 47,2 bilhões em valor econômico final. Onze operadores arremataram 45 lotes (85% do ofertado) de radiofrequências nacionais e regionais nas faixas de 700 MHz, 2,3 GHz, 3,5 GHz e 26 GHz. As faixas funcionam como “avenidas no ar”, mais largas e mais bem asfaltadas, para que os dados trafeguem em velocidades até 100 vezes maiores do que as vias do 4G. “Agora é conectar o Brasil. As telecomunicações foram consideradas serviços essenciais na pandemia e mostraram sua importância”, disse Vivien Suruagy, presidente da Federação Nacional de Call Center, Instalação e Manutenção de Infraestrutura de Redes de Telecomunicações e de Informática (Feninfra). “Vamos aumentar a conectividade do País e nos aproximar das nações mais desenvolvidas do planeta.”

Do valor fechado, R\$ 4,8 bilhões vão para o caixa do Tesouro Nacional e podem ser parcelados em até 20 anos — a critério das empresas. Os outros R\$ 42,4 bilhões serão

3,5 GHz para o 5G, construir uma rede privativa de comunicação para o governo federal, instalar rede de fibra óptica, via fluvial, na região amazônica, levar fibra óptica para o interior do País e disponibilizar o 5G em todas as capitais até julho de 2022. “Vamos promover, de forma acelerada, o acesso digital para o maior número de pessoas e empresas em todo o País”, disse Christian Gebara, CEO da Vivo, líder do setor, em comunicado, ao ressaltar o potencial do 5G para mudar a forma como vivemos e como as empresas fazem negócios.

O trio das principais operadoras do País ficou ainda com boa parte da faixa de 26 GHz — Algar Telecom, Neko e Fly Link foram as que venceram lotes regionais desse espectro — a última desistiu dias depois do leilão e, por isso, sofrerá sanções. Essa frequência tem maior capacidade de transmissão de dados, ideal para Internet das Coisas (IoT). Pelas regras do edital, as operadoras têm, agora, obrigação de levar internet às escolas do País.



“A REDE VAI CHEGAR A LUGARES ONDE NÃO CHEGARIA SEM O LEILÃO. EM UM PRIMEIRO MOMENTO, LEVA EDUCAÇÃO. DEPOIS, EMPREGO”

RODRIGO DIENSTMANN, PRESIDENTE DA ERICSSON NO CONE SUL

investidos diretamente pelas operadoras vencedoras para cumprir obrigações previstas no edital. Foi o maior leilão do setor de telecomunicações brasileiro, superior a todas as licitações anteriores somadas: a venda das faixas do 3G rendeu R\$ 7 bilhões; do 4G movimentou R\$ 12 bilhões; e a privatização da Telebras, R\$ 22 bilhões. Com um modelo não arrecadatório e mais voltado aos investimentos das companhias, houve inversão na visão das teles, que deixam de ser simples fontes de arrecadação de impostos para liderarem a implantação de infraestrutura tecnológica necessária para o desenvolvimento do País. Elas vão demandar agora serviços e produtos (antenas e estações radiobase, por exemplo) de fornecedoras como Ericsson, Huawei e Nokia, que atuam no Brasil.

As três grandes companhias do setor, Vivo, Claro e Tim, ficaram com as frequências nacionais da faixa de 3,5 GHz, considerada a principal do leilão. É exclusiva para o 5G, a mais usada no mundo para essa tecnologia, com capacidade de transmissão de alta velocidade. Atende a demandas tanto do varejo (consumidores finais) quanto da indústria. Como contrapartida, as operadoras terão de migrar o sinal da TV parabólica para liberar a faixa de

OPORTUNIDADES O Brasil também ganhou mais uma empresa que vai operar em âmbito nacional, a Winity. Criada há um ano pela gestora de ativos Pátria Investimentos, arrematou a faixa de 700 MHz, que é compatível com o 5G, mas será destinada principalmente à ampliação do 4G. Ela vai oferecer serviço de

conectividade no modelo de atacado, em que outras companhias poderão alugar parte da rede para, então, levar internet aos consumidores finais. Como contrapartida, a Winity terá de levar conexão para 31 mil quilômetros de rodovias federais que hoje não possuem acesso à tecnologia. Já a faixa de 2,3 GHz, foi dividida em duas: o bloco de 50 MHz teve como vencedoras Claro, Brisnet e Vivo; e o de 40 MHz, Vivo, Tim e Algar Telecom. Essa frequência é compatível com o 5G, mas será dividida com o 4G, que será levado pelas companhias a 95% das áreas urbanas que ainda não possuem esse serviço.

A chegada do 5G vai gerar mudanças na experiência das pessoas ao usar a internet. A primeira a ser sentida será na velocidade dos dados, via banda larga móvel. A abertura de sites, fotos e vídeos será extremamente rápida. Clicou, abriu. Nostreaming, filmes não terão quaisquer interrupções durante a exibição. Jogos serão mais interativos. E as realidades virtual e aumentada ganharão espaço — na linha do metaverso anunciado por Mark Zuckerberg para o novo Facebook — o que vai expandir os horizontes de participação e usabilidade da tecnologia no trabalho, na educação, no lazer.

RESULTADO DO LEILÃO



RS **47,2 bilhões**
Valor total do leilão



15%
Dos lotes não foram vendidos



RS **42,4 bilhões**
Serão destinados a investimentos em infraestrutura



RS **4,8 bilhões**
Devem ir para os cofres do governo



11
Empresas arremataram 45 lotes

AS AVENIDAS

FAIXA DE 700 MHZ

TOTAL ARRECADADO:

RS **3,57 bilhões**

PRINCIPAL VENCEDORA:

Winity II Telecom

FAIXA DE 3,5 GHZ (FAIXAS REGIONAIS)

TOTAL ARRECADADO:

RS **7,92 bilhões**

VENCEDORAS:

Sercomtel, Brisanet, Consórcio 5G Sul, CloudZu e Algar Telecom

FAIXA DE 3,5 GHZ (FAIXAS NACIONAIS)

TOTAL ARRECADADO:

RS **22,79 bilhões**

VENCEDORAS:

Claro, Vivo e Tim

FAIXA DE 2,3 GHZ (50 MHZ)

TOTAL ARRECADADO:

RS **5,96 bilhões**

VENCEDORAS:

Claro, Brisanet e Vivo



FAIXA DE 2,3 GHZ (40 MHZ)

TOTAL ARRECADADO:

RS **3,49 bilhões**

VENCEDORAS:

Vivo, Tim e Algar Telecom

FAIXA DE 26 GHZ

TOTAL ARRECADADO:

RS **3,45 bilhões**

VENCEDORAS:

Vivo, Claro, Tim, Algar Telecom, Neko e *Fly Link

* desistência após o leilão



DIFERENÇAS ENTRE 4G E 5G

Conexão do 5G mais estável

100 vezes mais rápido é o 5G em relação ao 4G

Tempo para baixar um filme de 25GB (blue-ray):

4G - **35min 47s**

5G - **21 segundos**

Tempo de respostas entre dispositivos (latência)

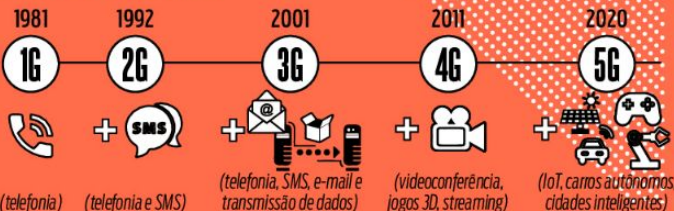
4G - **50 a 70 milissegundos**

5G - **1 a 5 milissegundos**

IMPLANTAÇÃO POR ETAPAS



EVOLUÇÃO DAS GERAÇÕES



EUFORIA

Ministro das Comunicações, Fábio Faria comemorou o resultado do leilão: "O mundo vai olhar para o Brasil com uma nova perspectiva"



A quinta geração de internet possibilita outras evoluções para o Brasil. E aqui vale uma ponderação: apesar de o 5G ser a vedete, é o 4G que vai resolver boa parte dos atuais problemas de conexão. A quarta geração ainda não está totalmente implantada em um terço das cidades brasileiras, segundo a Anatel. Em dezembro de 2020 havia 5.441 municípios com cobertura 4G, sendo que 3.513 deles eram totalmente atendidos em setores urbanos. Significa dizer que em 35,43% das cidades (1.928 áreas municipais) não há cobertura urbana total de 4G. Pior: apenas 146 municípios tinham cobertura total em setores rurais e 124 cidades não tinham qualquer serviço 4G.

Quando analisada a cobertura 4G em rodovias federais, o apagão de conexão atinge mais da metade da malha. No

País, 25.030 quilômetros de rodovias, de um total de 53.944 quilômetros, são amparados por 3G ou 4G, equivalente a 46,4% das estradas cobertas em pleno século 21, no momento de maior hiperconexão digital da história da humanidade. Esses buracos digitais nas estradas prejudicam o rastreamento de cargas, atrapalham serviços de logística e atrasam aplicações de soluções para a diminuição de acidentes e melhoria no atendimento ao usuário.

O apagão da conectividade do Brasil também atinge as escolas. A previsão do Ministério das Comunicações é de que, a partir das obrigações das operadoras, 13 mil instituições de ensino receberão o 4G



5G NA EDUCAÇÃO

Melhorar a experiência de aprendizagem do aluno em aulas remotas é um dos principais ganhos da entrada do 5G no setor. Com mais velocidade e maior conectividade, ganha-se em tempo de aula, pois não haverá mais espera por downloads lentos. Uso de realidades virtual e aumentada, com ambientes e objetos mais realísticos e em 3D, adicionar conteúdos para envolver os estudantes. Criação de novos apps, gamificação avançada e interatividade remota mais eficiente são outras frentes que devem evoluir. Vale lembrar, no entanto, que o ganho da Educação do Brasil também se dará pela expansão da rede 4G em milhares de escolas onde hoje não existe conexão com a Internet.



5G NA SAÚDE

É esperada melhoria significativa no atendimento médico. A telemedicina, que teve forte avanço durante a pandemia com o 4G, ganhará outras possibilidades. Consultas remotas mais assertivas e exames à distância, seja na coleta ou envio de resultado, serão desenvolvidas com mais ênfase. Inúmeros dispositivos, equipamentos e aparelhos conectados ao mesmo tempo sem interferir na qualidade da conexão. Maior gama de dispositivos vestíveis, implantes e rastreadores conectados ao 5G poderão realizar a captação de dados e troca de informações em tempo real. Analytics em alta no setor. Isso fará com que o monitoramento de pacientes seja mais ágil. Perspectiva de cirurgias remotas com mais incidência e precisão, sem latência, apesar de alguns especialistas apontarem para a conexão por fibra óptica ser mais segura do que por radiofrequência.

e outras 72 mil, o 5G. O plano é de longo prazo, pelos próximos dez ou 20 anos. Soa panglossiano (otimismo em situação de severa adversidade) diante da realidade de que inúmeras delas nem sequer possuem energia elétrica ou mesas e cadeiras adequadas para os alunos. Por isso a iniciativa no âmbito da educação é considerada apenas o início de um processo para democratizar a tecnologia voltada ao ensino e reduzir as desigualdades. “A rede vai chegar a lugares onde não chegaria sem o leilão. Em um primeiro momento, leva educação a vilarejos. E, como consequência, em um ciclo de poucos anos, gera emprego”, disse Rodrigo Dienstmann, presidente da Ericsson para o Cone Sul da América Latina, líder do mercado brasileiro em equipamentos de 4G, com 52% de market share — as outras duas fornecedoras são Huawei e a Nokia. A companhia sueca tem no Brasil uma de suas quatro fábricas. O parque industrial em São José dos Campos (SP) ganhou em março uma linha de montagem exclusiva de equipamentos para 5G que abastecem países da América Latina, Europa e os Estados Unidos.

Se vai haver evolução nesses pontos a partir da conexão entre as pessoas, a revolução propriamente dita ficará a cargo da conexão entre as máquinas por meio do 5G, com o IoT (Internet das coisas). Essa nova tecnologia será a habilitadora da Indústria 4.0 e vai também ser a responsável pelo desenvolvimento do agronegócio, da medicina, da mobilidade, da logística e de outros setores produtivos e estratégicos da economia brasileira. É aqui que a mági-

ca do 5G vai acontecer. Cofundador e CEO da Phygital, startup especializada em tecnologias LoRa, Wi-fi e Bluetooth, Gustavo Nascimento afirmou que as empresas brasileiras estão atrasadas em redes wi-fi corporativas. “Isso vai avançar e a automação de processos e conectividade de pessoas vão evoluir.”

NA PRÁTICA Operadoras e fornecedoras de equipamentos têm feito testes práticos com 5G desde 2019.

“VAMOS AUMENTAR A CONECTIVIDADE DO PAÍS E NOS APROXIMAR DAS NAÇÕES MAIS DESENVOLVIDAS DO PLANETA”

VIVIEN SURUAGY, PRESIDENTE DA FENINFRA



São centenas de casos de uso com resultados eficientes, que vão desde caixas eletrônicas inteligentes até experiências bem-sucedidas com gigantes do agro e na indústria automobilística. A Ericsson, em parceria com a Vivo, utiliza na Fazenda e Usina São Martinho, em Pradópolis (SP), um drone 100% conectado à nova tecnologia. A parceria já permite acelerar a transformação digital da empresa, em especial no mapeamento de falhas em linhas de plantio, controle inteligente de pragas, localização de incêndios e outras funcionalidades. “Brasil pode ser hub de exportação de tecno-

5G NA MOBILIDADE E LOGÍSTICA

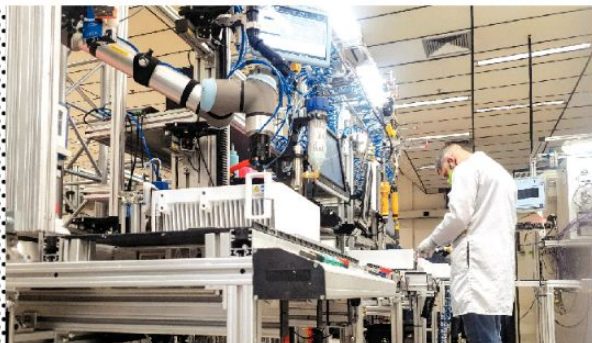
Na transformação da mobilidade urbana, o 5G vai potencializar tendências como carros autônomos e elétricos. Haverá redução de acidentes, mais segurança no trânsito, maior produtividade, menor consumo, menor pegada de carbono e melhoria da qualidade de vida, com tecnologias embarcadas no transporte público, com soluções de geolocalização e reconhecimento em metrô, trens, ônibus e carros, o que possibilita a conexão do ecossistema de transporte urbano por meio de inteligência artificial. Criação de ferramentas de engenharia de tráfego para veículos, bicicletas e pedestres. Por meio de veículos mais tecnológicos e estradas conectadas, a logística deve ganhar em eficiência e segurança, com maior controle e monitoramento de dispositivos.



5G NA INDÚSTRIA 4.0 E AGRO

Fábricas e sistemas mais automatizados e autônomos, com conexão entre máquinas e objetos a partir do IIoT (Industrial Internet of Things), que permite uma linha de produção mais rápida e eficiente, com coleta de informações e integração dos processos. Novas possibilidades na manutenção preditiva e preventiva de máquinas, controle de estoque, experiência do consumidor e clientes. No agro, a conexão em rincões rurais vai evoluir os processos no campo e permitirão reduzir custos e ganhar em produtividade. Melhor avaliação das condições climáticas, do solo, de plantações e rebanhos.





PREPARO

Líder no setor, a sueca Ericsson inaugurou em março uma linha de produção de equipamentos 5G na fábrica de São José dos Campos (SP)

logia para logística, agronegócio e outros setores”, disse Rodrigo Dienstmann, da Ericsson.

A Tim, com a Accenture, implantou uma rede privada de 5G no Polo Automotivo Stellantis de Goiana (PE). A planta inteira da fábrica foi integrada. Em uma das etapas, uma câmera captura imagens durante o trajeto dos carros que estão sendo montados ao longo da linha de produção. São transmitidos dados em tempo real, pelo software da Accenture hospedado na nuvem. A inteligência artificial verifica as conformidades dos processos e informa aos operadores de inspeção de qualidade os resultados para a liberação ou não do veículo. No fim, indicadores de performance orientam os gestores quanto à qualidade de todo o trabalho.

Para Marcelo Motta, diretor global de cibersegurança da Huawei, a tecnologia permite esses ganhos com aplicações inteligentes. “Temos casos de uso de redução do ciclo de produção de 17 horas para sete horas. E eficiência de 30%. É expressivo”, disse o executivo da companhia chinesa que detém 40% do mercado local.

AVANÇO

Nova empresa de telecomunicação a operar em âmbito nacional, a Winity arrematou a faixa de 700 MHz e vai levar conexão para 31 mil quilômetros de rodovias federais

DESAFIOS O Brasil discute a implantação do 5G desde 2019. A primeira previsão de realização do leilão era para março de 2020. Não ocorreu. Foi adiado para o primeiro semestre de 2021. Também não foi efetivado. Os atrasos foram por falta de documentos, explicações e detalhes para formulação do edital. Enquanto isso, Estados Unidos, China e países da Europa avançavam havia pelo menos dois anos na utilização da quinta geração de internet. Uma perda de tempo que custou caro ao Brasil. Segundo o estudo do Instituto IT Mídia encomendado à consultoria IDC, a demora para a realização do leilão resulta em perdas de US\$ 2,2 bilhões em negócios entre empresas que deixam de ser gerados de 2020 a 2022. “Estamos chegando depois, mas estamos chegando melhor. Vamos aproveitar a oportunidade para dar salto nos gaps que temos”, disse Leonardo Capdeville, CTIO da Tim.

Para garantir o pleno funcionamento do 5G, também deve haver atenção especial das empresas aos chips, diante da crise no abastecimento global do produto. Os aparelhos de radiofrequência e as antenas dessa tecnologia usam semicondutores mais potentes e complexos. Não é esse que está em falta, pois é usado em menor escala — cerca de 2% do total produzido no mundo — e teve sua produção melhor planejada. O problema está nos chips mais simples, utilizados em máquinas e carros, por exemplo. Dessa forma, o 5G pode estar apto e disponível para sua aplicação, mas não será usado porque os dispositivos a serem conectados não terão componentes.

A atualização das leis das antenas é outro ponto de cuidado a ser analisado. Segundo a Feninfra, apenas sete capitais estão com a legislação atualizada e podem receber equipamentos para funcionamento do 5G. Em São Paulo, principal cidade do País, as regras são de 20 anos atrás. Estudo da startup Phygital revela um déficit de 100 mil antenas para as redes atuais (2G, 3G, 4G) no Brasil e o 5G demandará cinco vezes mais do que isso, pois as antenas — do tamanho de uma caixa de sapato — precisam estar mais baixas e mais próximas umas das outras. Cada cidade tem de aprovar sua lei das antenas, pois são os municípios os responsáveis pelo uso e ocupação do solo. Os aparelhos serão posicionados em prédios públicos, postes, fachadas de comércios, pontos de ônibus. A expectativa é de uma corrida nos legislativos municipais para aprovação de leis mais atuais, formuladas pelas prefeituras. “É necessário acabar com as legislações atrasadas para instalação rápida das antenas. Falta razoabilidade”, disse Vivien Suruagy, da Feninfra. Com o 5G, o potencial de evolução para o Brasil é enorme. Resta saber se a falta de uma política nacional séria e desenvolvimentista vai atrapalhar esse crescimento. **✎**



Fórum Internacional de Equidade Racial Empresarial

ESG: Meio Ambiente, Raça e Clima - 2021

CONFERÊNCIA DE ABERTURA
Encontro de presidentes - 18/11

 Transmissão Online

Participe!

2º edição

ÍNDICE DE
**EQUIDADE
RACIAL**®
NAS EMPRESAS

Data

17 e 18 de Outubro



REALIZAÇÃO



PARCEIRO DE COMUNICAÇÃO

ESPEC
Dinheiro

APOIO



+Mulher
360



UM ANO DE OURO PARA A SAINT-GOBAIN

A indústria da construção civil no Brasil deve crescer 5% em 2021, apesar da falta de insumos e da alta de 30,2% do Índice Nacional de Custo da Construção (INCC) nos 12 meses encerrados em setembro, de acordo com a projeção divulgada pela Câmara Brasileira da Indústria da Construção (CBIC). Parte considerável dessa performance vem da tração provocada pela Saint-Gobain, que prevê incremento de 40% na receita deste ano, para R\$ 12,1 bilhões. Detentora da rede varejista Telhanorte e das marcas Brasilit e Quartzolit, a gigante francesa investirá 100 milhões de euros no Brasil, com foco em novas fábricas e inovação. A estratégia de crescimento prevê ainda aquisições com recursos fora desse pacote. “O ano de 2021 está sendo excepcional para a Saint-Gobain no Brasil e na América Latina”, afirmou à DINHEIRO Javier Gimeno, que responde pela presidência do grupo na região desde 1º de julho. “Vamos gerar os melhores resultados da nossa história.”

Não se trata de empolgação, apenas. Trata-se de resultado efetivo. Além do aumento significativo no faturamento na comparação com o do ano passado, a Saint-Gobain celebra alta de 8% em relação a 2019, período pré-crise sanitária. “Esse crescimento é rentável, porque temos sido capazes de melhorar de forma muito significativa a nossa margem”, disse o executivo espanhol. O mercado brasileiro é o quarto mais importante da companhia no mundo, responsável por dois terços das vendas na América Latina, que responde por mais de 10% dos negócios globais da Saint-Gobain. “Nossa meta é dobrar a nossa presença na região nos próximos cinco anos.”

O crescimento acentuado, e rápido, é justificado por três elementos: aumento dos volumes, dos preços e a aposta em inovação. Gimeno diz que o aumento dos volumes foi mais importante na primeira parte do ano, e que a empresa ainda otimizou a linha de custos para manter uma política responsável. “E o último elemento foi a inovação. Nossa capacidade de lançar produtos também fez a diferença.” Os três eixos, em sua visão, foram reflexo de uma mudança no perfil do consumidor com o surgimento de uma nova demanda na pandemia, mais sofisticada e orientada para produtos com maior performance em termos de bem-estar, saúde, conforto e sustentabilidade. “O mercado da construção ficou muito dinâmico.”

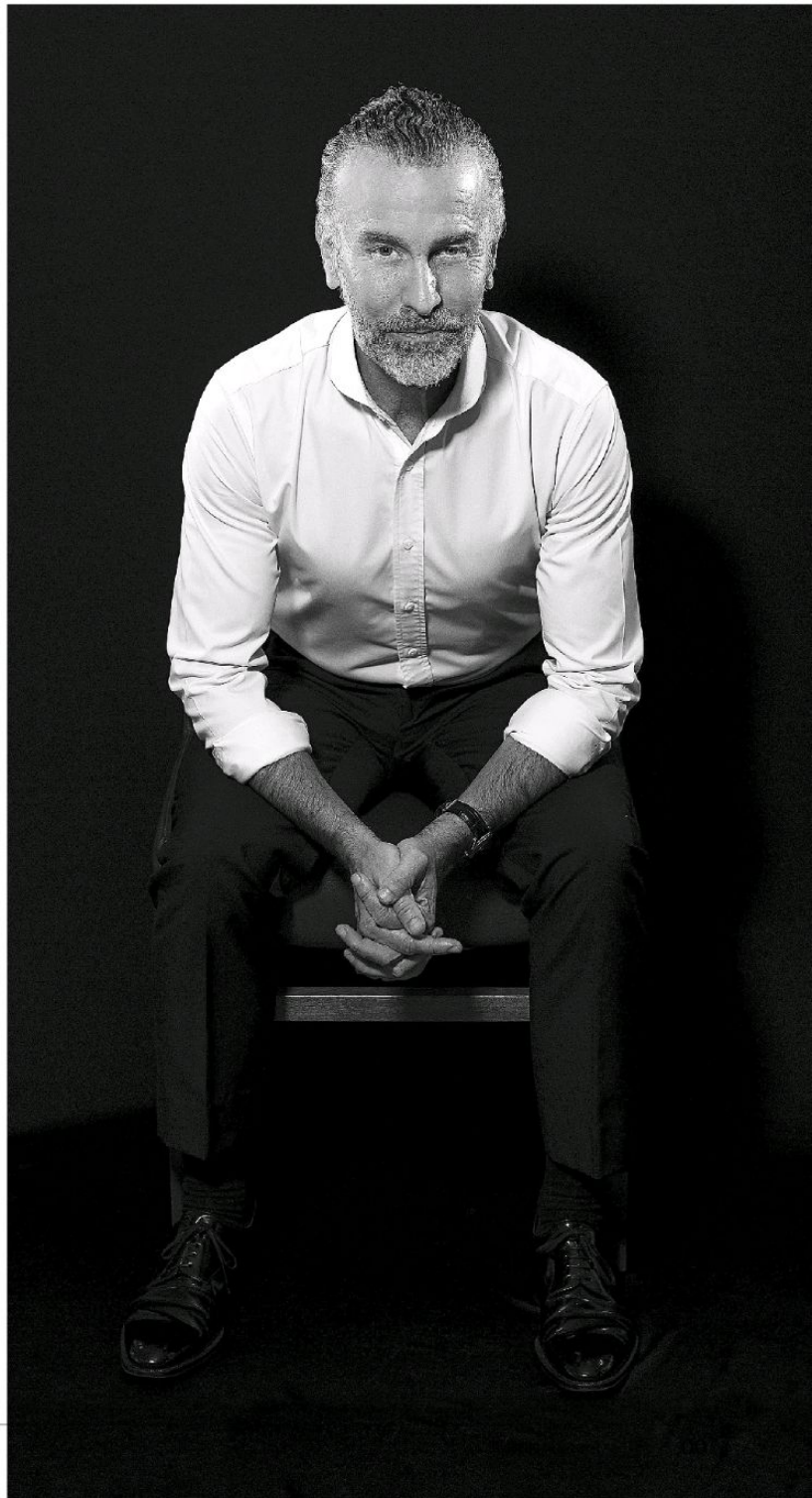
O enredo é o de sempre. As pessoas passaram mais tempo nas suas casas e decidiram investir nelas, renovar. “Muitas foram construídas tempos atrás, com características de conforto e de

**GIGANTE
FRANCESA
PREVÊ RECEITA
DE R\$ 12,1
BILHÕES EM
2021, RECORDE
EM 84 ANOS NO
BRASIL, ALÉM
DE REALIZAR
INVESTIMENTOS
DE 100 MILHÕES
DE EUROS**

Angelo VEROTTI

META DEFINIDA

Javier Gimeno espera dobrar a participação da companhia francesa no mercado latino-americano em até cinco anos. Aumento da inflação é uma das preocupações



NEGÓCIOS

sustentabilidade que não correspondiam com as novas necessidades da classe média brasileira”, afirmou. Além disso, existe também um novo dinamismo do setor não residencial. “As pessoas estão voltando para os seus escritórios, fazendo investimentos para deixá-los mais confortáveis e em conformidade com os critérios de sustentabilidade.” Para Gimeno, esse novo cenário é de natureza estrutural e vai trazer uma boa taxa de crescimento em 2022.

INFLAÇÃO Nem mesmo a perspectiva de alta de apenas 1% do PIB brasileiro no ano que vem parece tirar o ânimo da Saint-Gobain, que aposta em crescimento forte em volume e em valor, “porque os produtos pedidos agora no mercado da construção são mais sofisticados do que antes”. A multinacional, no entanto, vive uma situação paradoxal. Ao mesmo tempo em que apresenta “resultados excepcionais”, visualiza dificuldades no caminho. Uma das principais, segundo o presidente, é a inflação, que afeta não apenas o Brasil, mas outras economias pelo mundo. “Precisamos tirar o melhor de nossas equipes para fazer frente às dificuldades nos próximos nove a 12 meses”, disse. Uma das estratégias tem sido reduzir despesas por meio de eficiência nos processos. As equipes de produção buscam a cada ano diminuir os custos em até 5%. “Agora estão brigando ainda mais, porque a inflação externa é muito alta”, afirmou o presidente. Porém, a preocupação maior, de acordo com Gimeno, é atrair talentos que permitam à Saint-Gobain gerenciar os pequenos e os grandes projetos de crescimento acelerado.

Uma das estratégias para o crescimento é a expansão das linhas produtivas, como irá ocorrer na unidade de telhas de fibrocimento em Recife. A empresa planeja também a construção de uma planta para fabricação do material em Abadiânia (GO); de uma terceira linha de produção de placas de gesso, em Mogi das Cruzes (SP); e de um site



ALTOS E BAIXOS

A Saint-Gobain registra alta nas vendas de materiais para a construção. Já no setor automotivo a crise mundial dos semicondutores que afeta as montadoras gera baixos resultados



para a fabricação de argamassas. As plantas vão se juntar a 56 fábricas, três mineradoras, um centro de pesquisa e desenvolvimento, além de 49 centros de distribuição da Saint-Gobain pelo País. São investimentos lançados em 2021 e que estarão operacionais a partir do final de 2022 ou princípio de 2023. Já nos planos de aquisição estão empresas ligadas à construção, ao segmento automotivo e à saúde.

MERCADO O aporte na linha produtiva está em linha com projeções do mercado. Números divulgados pela Associação Brasileira da Indústria de Materiais de Construção (Abramat) em relação ao período entre janeiro e outubro mostram que houve crescimento de 12,8%, percentual que chega a 13,3% no acumulado dos últimos 12 meses (móvel), apesar da queda de 0,3% em relação a setembro, a quarta redução mensal consecutiva. A redução da atividade já era esperada, segundo Rodrigo Navarro, presidente da Abramat. Para ele, está ocorrendo um reequilíbrio no setor. “Tivemos uma retomada significativa e importante no primeiro semestre deste ano. É natural que o setor se ajuste”, afirmou. Ele mantém a projeção de 8% de crescimento em 2021, mas chama a atenção para muitas externalidades envolvidas, como câmbio, alta do preço e disponibilidade de insumos, além de aumento no custo de fretes e energia. É nesse cenário paradoxalmente inspirador e desafiador que a Saint-Gobain alicerçou sua estratégia para o Brasil. **ES**



Uber é nova parceira da Minu



Empresa de marketing de recompensas já acumula mais de 100 grandes marcas no seu catálogo digital.

A plataforma da Uber agora faz parte da nuvem de recompensas da Minu, empresa de marketing de recompensas que disponibiliza centenas de marcas no seu portfólio digital.

As empresas que são clientes da Minu e que quiserem utilizar os produtos da Uber nos seus programas de recompensas e ações de incentivos, poderão oferecer aos consumidores descontos em pedidos de viagens e delivery.

Com essa novidade, a Minu continua criando oportunidades para as empresas parceiras, que possuem acesso a um robusto canal de distribuição e divulgação das suas ofertas, e para seus clientes, que podem oferecer aos consumidores recompensas diversificadas e relevantes para fidelização e relacionamento.

A Minu iniciou suas atividades com entrega de bônus para celular, mas em 2017 vivenciou uma evolução do seu negócio. "Há 4 anos decidimos ampliar o nosso escopo e aumentar as possibilidades de

entregas do portfólio. O resultado foi que praticamente dobramos o número de parceiros nos últimos dois anos. Hoje, temos um catálogo digital muito mais robusto e diversificado, e nosso objetivo é seguir incluindo marcas líderes de mercado com alto poder de engajamento, com ofertas que atendam necessidades distintas dos consumidores e por meio de um sistema fácil de resgate das recompensas", explica Eduardo Jacob, CEO da Minu.

O portfólio também inclui parceiros como Polishop, Deezer, Magalu e Editora 3 – responsável por publicações como IstoÉ, IstoÉ Dinheiro, Dinheiro Rural, Motor Show e Go Outside. E a carteira de clientes atuais contempla empresas como Banco do Brasil, Carrefour e Kwai, que utilizam a Minu para suas ações de recompensas e programas de benefícios.

Quer ser um cliente Minu e ter acesso à nuvem de recompensas com grandes marcas? Acesse: www.minu.co

Sobre a Minu

A Minu é uma empresa de marketing de recompensas, com sede em São Paulo e escritórios em Belo Horizonte e Brasília. Desde 2007, utiliza tecnologia própria e estudo do comportamento humano para conectar pessoas e marcas, construindo relações e criando experiências únicas. Seu catálogo digital possui centenas de parceiros e mais de 600 recompensas.

Saiba mais: www.minu.co



NEGÓCIO DA CHINA PARA A POSITIVO

Empresa projeta recorde de R\$ 4 bilhões em vendas neste ano e aposta em forte aumento no setor de smartphones importados

Beatriz **PACHECO**

O mundo da Positivo Tecnologia se equilibra em três frentes de consumo: varejo, corporativo e setor público. Esse trinômio desenhou um horizonte de crescimento que, mesmo com a queda nas vendas de computadores (que ainda é o carro-chefe do portfólio) desde agosto, a empresa conseguiu fechar o terceiro trimestre deste ano 63% acima do mesmo período do ano anterior, com receita de R\$ 979 milhões. Como 2020 estabeleceu uma base de comparação alta para esse mercado, a companhia tem razões de sobra para comemorar.

Além do resultado operacional, outro motivo de celebração foi o contrato com a chinesa Transsion Holdings, que vinha sendo negociado havia oito anos, para lançar os smartphones da linha Infinix no Brasil. Embora o aparelho Note 10 (R\$ 1,5 mil) já esteja à venda em lojas do grupo Via e da operadora Vivo, Hélio Rotenberg, presidente da Positivo, disse em entrevista à DINHEIRO que o lote para 2021 ainda é pequeno, mas deve

permitir testar a recepção do produto. “A virada Infinix começa no primeiro trimestre do ano que vem”, afirmou. A força da marca está no apelo para categorias médias, o que não significa que os modelos premium estejam descartados, segundo o executivo. Mas apenas que, agora e pelo próximo ano, quando apresentará mais oito celulares, a Positivo vai focar nas faixas entre R\$ 1 mil e R\$ 3 mil, que correspondem a 70% das vendas no País.

Após o anúncio de encerramento das operações da LG, que até então era a terceira maior do setor, a Positivo acelerou as negociações para trazer o Infinix e garantir seu crescimento sobre o vácuo de 15% deixado pela coreana. Essa pressa tem dois nomes: Samsung e Motorola. As empresas ocupam, respectivamente, a primeira e a segunda posições no mercado, tornando difícil a vida dos que se aventuram no segmento de smartphones. “Para ser competitivo aqui, é preciso ter produção local”, afirmou. Com 32 anos de Brasil, a companhia quer ganhar os consumidores com a oferta de dois anos de garantia e uma das maiores redes de suporte técnico no território nacional. “Chamaremos essa proposta de Infinix by Positivo.”

O CUSTO BRASIL Mesmo otimista, a empresa reconhece as zonas nebulosas pela frente. E não só para a Positivo. O desabastecimento da cadeia é algo que, segundo Rotenberg, tirou o seu sono nos últimos meses. “Neste ano, conseguimos

RECEITA
EM ALTA

979
milhões
(em R\$)
receita do
3º trimestre

63%
acima do mesmo
período de 2020

59%
crescimento
entre 2019 e 2020

50%
projeção de
crescimento
entre 2020 e 2021

entregar o que foi programado — por vezes com atrasos — e nada mais.” Além do aumento de 100% do preço do silício, matéria-prima dos microprocessadores, e de 200% no valor da tela LCD, a disparada do frete de importação pressionou o custo. Hoje, segundo ele, 80% do preço final no mercado está atrelado ao dólar. “Nosso produto de entrada subiu de R\$ 1,2 mil para R\$ 2 mil.”

Após se recuperar da crise no mercado de computadores, entre 2013 a 2016, a Positivo entendeu que era preciso mudar a estratégia de negócio. “Não poderíamos mais ser monoproduto e nem monocliente.” O plano deu tão certo que, mesmo com os atuais desafios da pandemia, a empresa reportou R\$ 2,7 bilhões de receita nos primeiros nove meses de 2021, superior a todo o faturamento no ano anterior, quando já havia crescido 59% na comparação com 2019. Com o início da entrega de urnas eletrônicas para o governo federal, um projeto de R\$ 925 milhões, a recém-firmada parceria para fornecimento de terminais de pagamento para a Stone e a vinda do Infinix, a companhia projeta faturar entre R\$ 1,2 bilhão e R\$ 1,4 bilhão no quarto trimestre. O ano deve se encerrar com receita de R\$ 4 bilhões, crescimento de 50% sobre o anterior. Para 2022, a promessa do 5G e da retomada de operações presenciais ampliam o horizonte da Positivo, que se permite voltar a sonhar — mesmo no Brasil. **ES**



RECEPÇÃO

Vendas do Infinix Note 10 devem ganhar escala a partir do primeiro trimestre de 2022

“Não podemos mais ser monoproduto e nem monocliente”

HÉLIO ROTENBERG,
PRESIDENTE DA POSITIVO



MAIS CRIATIVA QUE OS OUTROS

GIGANTE CHINESA MIDEA CARRIER APOSTA NA FORÇA DA MARCA TOSHIBA PARA EXPANDIR VENDAS E SE POSICIONAR ENTRE AS TRÊS MELHORES DO BRASIL EM ELETRODOMÉSTICOS

Angelo VEROTTI

Com o slogan “os nossos japoneses são mais criativos do que os outros” a Toshiba conquistou o mercado nacional de eletrônicos nos anos 1980 e 1990 em disputa direta com Panasonic e Sanyo – sem contar outras conterrâneas. A marca é aposta da chinesa Midea Carrier, joint venture responsável no Brasil pelas marcas Carrier, Midea e Springer, para ganhar participação no segmento de eletrodomésticos, responsável por 20% do faturamento de R\$ 2,5 bilhões da empresa no País no ano passado. O velho bordão nem cabe ser usado – dada à rivalidade entre os dois países asiáticos –, mas os planos são ainda mais ambiciosos. A expectativa para 2021 é de aumento de pelo menos 20% na receita total. “Temos um planejamento de em cinco anos estarmos entre os top 3 do setor, sendo que a Toshiba deverá responder por 25% das vendas”, afirmou à DINHEIRO Felipe Costa, presidente da Midea Carrier no Brasil. “A Toshiba é importante para ganharmos um pouco de espaço na gama premium e reforçarmos a imagem da marca Midea.”

Apesar de o montante faturado pela Midea Carrier no País pouco representar (cerca de 1%) diante da receita global de US\$ 41 bilhões, o Brasil tem papel preponderante nos planos de crescimento da marca, por ser o líder de vendas na América Latina, com o dobro do tamanho do mercado mexicano, o segundo da região. Uma performance óbvia dada o tamanho da população brasileira (60% maior que a mexicana, mesmo o PIB per capita sendo 20% menor). É esse potencial de mercado que fez o País ser selecionado entre cinco no mundo para um plano de investimen-

to da matriz em 2022 – o valor não foi revelado. “Uma companhia não consegue estar na América Latina, ser líder na região, sem presença sólida no Brasil.”

O desafio mostra-se grande pelo mercado. Para encará-lo, a preparação está consolidada. “Somos a junção de uma empresa chinesa (Midea) e uma americana (Carrier). E estamos assim há dez anos”, afirmou Costa. Qualquer pessoa que passou por processos de fusão ou aquisição sabe o quanto é difícil construir ou mesmo manter





SEM TEMPO A PERDER

Felipe Costa destaca a liderança da Midea Carrier no mercado de ar-condicionado para seguir em crescimento. Empresa tem linhas de produção em Canoas (RS) e Manaus (AM)

a identidade cultural. Ainda mais quando as origens são tão distintas.

No Brasil, são fabricados apenas micro-ondas e equipamentos de ar-condicionado residencial da marca Springer Midea, na planta de Manaus (AM), e aparelhos de ar-condicionado central, da fábrica em Canoas (RS). Os demais produtos comercializados pelas marcas são importados. A empresa tem ainda um centro de distribuição em Itajaí (SC), além de 11 lojas Totaline, rede de peças originais Midea Carrier.



A companhia aposta na expansão do portfólio para ganhar mercado. E de olho no segmento premium é que ocorreu a aquisição da linha de eletrodomésticos da Toshiba há cinco anos. A especialista Flávia Nunes, consultora de varejo da Complement Consultoria e Marketing, acredita que a Midea Carrier deve se fortalecer muito rápido no segmento premium com a marca Toshiba. Ela afirma que a categoria nunca foi tratada com carinho no Brasil, mas o momento é favorável. Diante da restrição de circulação durante a pandemia, as pessoas passaram a valorizar mais as suas casas e o que têm dentro. “Se tiverem produtos com excelência e realizarem um bom marketing, ganham mercado rapidamente. A Midea Carrier também tem expertise de incorporar parcerias e casar negócios”, disse Flávia Nunes.

Não é apenas a fatia premium de consumidor que está no radar. O presidente da empresa diz que a empresa pretende incrementar a participação por meio da ampliação do leque de produtos. “Quando você olha o nosso share total em eletrodomésticos, ele é abaixo de 5%”, disse Costa, que aposta também na digitalização dos processos. Ele acredita que 2022 será um ano de ajuste de demanda e de volatilidade por causa das eleições, mas vê vantagem da Midea Carrier em razão de o negócio de ar-condicionado ser líder nacional. “Em eletrodomésticos somos uma das empresas que mais têm crescido.” Segundo Costa, a venda sel in ao canal (distribuidor ou varejista) em 2021 na comparação com o ano passado dobrou em eletrodomésticos. “Em 2022, espero que continuemos com esse crescimento bastante expressivo”, disse o executivo. Se os japoneses da Toshiba era mais criativos que os outros, os chineses da Midea querem ser mais vendedores. **ES**



GRUPO TPV NO RITMO DA VIRADA

Fabricante das marcas AOC e Philips, empresa renova portfólio premium e entra no circuito de eventos para compensar redução das margens operacionais no País

Beatriz PACHECO

Mesmo que o nome do conglomerado chinês TPV não seja familiar ao público, seus produtos certamente são. Um gigante que faturou mais de US\$ 10 bilhões globalmente em 2020, no Brasil atua no mercado de TVs, monitores e produtos de áudio com a marca própria AOC e como fabricante de equipamentos Philips. Por aqui, ante a desvalorização da moeda, as cifras do grupo são mais modestas. Hoje, está na quarta posição em vendas de televisores no País, com cerca de 15% dos estimados R\$ 30 bilhões que o mercado movimentava anualmente. Mesmo diante de concorrentes peso-pesados — como a invicta Samsung, líder com 31% do comércio

de TVs, segundo a consultoria GfK —, a empresa nutre ambições de se recuperar no universo dos eletroeletrônicos.

Uma das apostas é conquistar os corações da geração Z, de nascidos entre 1995 e 2010, para voltar ao lugar que ocupava no mercado de monitores. Antes da pandemia, estava à frente do segmento, pela fama da AOC na cena gamer, mas acabou caindo para o terceiro lugar. “Perdemos espaço pela indisponibilidade de produtos”, disse Eduardo Brunoro, diretor da operação nacional. “Mas estamos trabalhando em lançamentos e retomando a cadeia para voltar para o primeiro lugar.” Agora, a empresa precisa de fôlego para renovar a imagem e promover a virada nos setores em que atua.

Começou pelo que parecia mais simples. Com a AOC, fortaleceu a presença no universo de esportes eletrônicos, cujo público brasileiro cresceu 20% durante o isolamento social, segundo o relatório Global Esports Market Report, da consultoria Newzoo. Pela Philips, entrou no recém-retomado circuito de eventos, com patrocínio ao Rock in Rio 2022 e a Stock Car, e se associou ao rapper Thaíde, embaixador da marca. Em 2021, lançou a primeira linha de fabricação própria da Philips Áudio desde a aquisição dos direitos de marca em 2018 e renovou a carteira de monitores com produtos premium. Em parceria com a Porsche, desenvolveu monitores AOC com preços entre R\$ 3,3 mil e R\$ 9,5 mil. “São produtos focados em projeção. Para alavancar as vendas, já temos a linha Agon”, afirmou o executivo. As mais recentes novidades da marca, também focadas no segmento premium, giram em torno de R\$ 8,8 mil.

PREÇOS NO ALTO A pressão na cadeia jogou os preços nas alturas. A alta foi, em média, de 50% pela avaliação de Brunoro. “Mas as despesas operacionais subiram acima disso”, afirmou. No caso do grupo, o repasse integral

faria suas marcas extrapolarem as faixas das categorias em que atuam. A saída foi reduzir a margem operacional, informação mantida sob sigilo, e melhorar a produtividade. “Como chineses, temos uma orientação forte para o custo, o que nos ajuda nesses momentos.”

Mesmo com a queda da rentabilidade, não há previsão para o grupo sair do Brasil, segundo Brunoro. Ele explica que o volume de consumo no País movimenta a cadeia da multinacional. “É um mercado mais relevante em suprimento do que em receita. Se a roda para de girar aqui, a matriz é prejudicada.” Mas o colapso provocou a redução dos estoques, minimizada em 2021 apenas pela queda das vendas. Embora hoje não faltem produtos das marcas AOC e Philips no comércio, a dificuldade em encontrar contêineres na China — cujos valores saíram de US\$ 2 mil para os atuais US\$ 16 mil — é um ponto de atenção. O grupo TPV tem como vantagem os contratos exclusivos com fornecedores na Ásia, mas ainda assim precisou definir critérios para alocação de matérias-primas.

Os problemas são globais, mas o fator Brasil potencializa a dificuldade. Além do desabastecimento de matérias-primas, como o silício e do encarecimento do frete, por aqui as empresas ainda enfrentam a desvalorização da moeda, elevada carga tributária e uma complexa estrutura fiscal, sendo o país em que as organizações gastam mais tempo com gestão de impostos, segundo relatório do Banco Mundial. O cenário afugenta até grandes empresas, como a Panasonic e a Sony, que encerraram a fabricação nacional de TVs neste ano. Brunoro explica que a lacuna deixada pelas marcas não deve alterar a ordem no mercado. “As grandes devem absorver cerca de 1% a 2%, e o resto será distribuído entre as menores.”

Na ponta do consumidor, isso tudo evitará que os preços requeem no curto prazo. Até que os novos estoques cheguem ao mercado, essa estabilização só deve acontecer a partir do terceiro trimestre do ano que vem. Mesmo assim, os valores devem se consolidar em patamares mais altos do que antes da pandemia. Com um 2022 desafiador ainda pela frente, o grupo TPV é cauteloso em suas projeções, esperando melhorias apenas para 2023, e a retomada do consumo, para 2024, dependendo da normalização na economia. Enquanto renova as energias e o estoque para recuperar suas margens no mercado nacional, a instabilidade exige passos seguros por aqui. E uma paciência chinesa. **S**

15%

ESSA É ATUAL PARTICIPAÇÃO DO GRUPO NO MERCADO DE TELEVISORES

NO BRASIL. A CONCORRENTE SAMSUNG É A LÍDER INVICTA COM 31%

MARKETING

Na busca por reconquistar o público jovem, a AOC trouxe o rapper Thaíde como embaixador da marca



CRIPTO ROUBO MILIONÁRIO



US\$ **900** milhões

teria sido o lucro da Netflix com o seriado sul-coreano sobre um jogo de vida ou morte envolvendo participantes soterrados em dívidas financeiras



US\$ **38** milhões

era o prêmio final da série Round 6 para o competidor que sobrevivesse à batalha



US\$ **3,38** milhões

foi o quanto criminosos virtuais roubaram — no mundo real! — de investidores que acreditaram na criação de uma nova criptomoeda chamada Squid



130 milhões

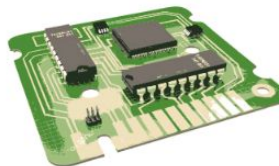
de pessoas (até agora) viram o seriado

A série maior sucesso da Netflix até agora, *Round 6*, ganhou um novo número milionário: um espertalhão criou uma criptomoeda, a Squid, e investidores vorazes empataram US\$ 3,38 milhões nela em poucos dias, valorizando-a a US\$ 2.856, até o dia 31 de outubro. Lembrando: a série é sobre pessoas endividadas que entram num misterioso jogo de vida ou morte baseado em brincadeiras infantis — daí a boneca acima — para ganharem US\$ 38 milhões. Já era um sinal de que a cripto poderia ser uma puxada de tapete, com o criador do token abandonando o projeto e pegando a grana de todos. E foi isso mesmo. Os investidores teriam perdido menos dinheiro adquirindo só a bonequinha despertador da série, ao lado.



CHIPS: A CRISE QUE NÃO TEM FIM

Se arrastando e ainda sem solução, a crise dos chips, ou semicondutores, só manda mais sinais: o mais recente deles é uma brechada brusca na produção do popularíssimo console híbrido da Nintendo, o com cara de portátil Switch. O trimestre de julho a setembro deste ano teve vendas de 3,83 milhões, enquanto o de 2020, 6,86 milhões. "O extensivo impacto da pandemia e a falta global de chips criaram um estado de continuidade incerto", afirmou a empresa. A pecinha está em tudo a sua volta, do celular ao carro,



da máquina de lavar a uma escova de dente. A Nissan, por exemplo, vai produzir 500 mil carros a menos por causa dos chips. A Apple, mesmo produzindo seus semicondutores, já disse "teremos problemas adiante". O "novo petróleo" não está nos países árabes, mas em Taiwan e Coreia, que sofreram com portos e fábricas fechadas na pandemia.



“UM BOM PLANO VIOLENTAMENTE EXECUTADO AGORA É MELHOR QUE UM PLANO PERFEITO EXECUTADO NA SEMANA QUE VEM”

GENERAL AMERICANO GEORGE S. PATTON (1885-1945), EM “WAR AS I KNEW IT”

ELETRIFICANDO UM CLÁSSICO

Um clássico. Mesmo. A eletrificação dos carros, caminhões e motos está a mil. Mas nem todo carro vai poder ser um atestado estético dos novos tempos. A Ford, que praticamente nasceu com a combustão e industrialização rápida dos veículos, se rendeu aos séculos que virão e homenageou uma das caminhonetes mais desejadas pelos americanos, a F-100. Não é apenas uma bobagem de showroom, é um protótipo que usa o primeiro motor elétrico da Ford Performance Parts, destinado a substituir veículos convencionais, seja ele um vintage, SUVs ou outro — por US\$ 3,9 mil, um preço decente, especialistas dizem. Esse Ford foi batizado de Eliminator, produz 480 cavalos de potência e 515nm de torque. No Brasil, a Ford chegou a produzir F-100, que hoje são peças de colecionador de R\$ 150 mil pra cima.



O GAME DE US\$ 53 MILHÕES QUE NUNCA EXISTIU

Um mistério no mundo dos games. A gigante publicadora, desenvolvedora e distribuidora de videogames americana Take-Two Interactive deixou escapar em seu relatório de lucros deste ano uma linha reveladora: “US\$ 53 milhões em dotações de imparidade relacionadas à decisão da empresa de não continuar com o desenvolvimento de um não anunciado título em produção”. Traduzindo: pagaram tudo isso e disseram “deixa pra lá”. Talvez o caso (sabido) mais chocante da indústria, são bois sem nomes, mas a Bloomberg desconfia que seja a produtora Hangar 13, que fez o *Mafia III* (imagem ao lado) para eles, sob codinome Volt. Pandemia e idas e vindas em relação ao foco do game seriam as causas do

fracasso. Para piorar para a Take-Two, um aguardado novo game seu da Marvel, *Midnight Suns*, foi adiado para a segunda metade de 2022.



PAPO DIGITAL

O futuro da Black Friday com Aleksandra Holownia, International Sales & Marketing Project Manager da Dealavo Global



A febre da Black Friday acabou?

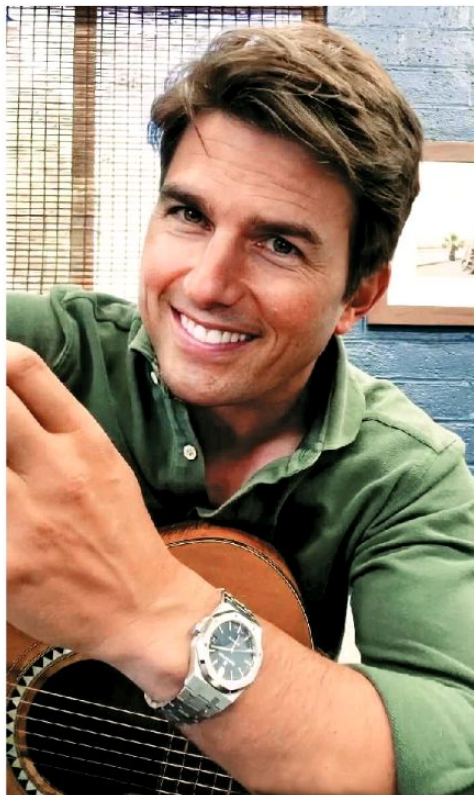
Com o volume de informações digitais que as empresas têm atualmente, o desafio da Black Friday (que no Brasil aconteceu em 26 de novembro) ganhou contornos além do grande desconto do produto. Dados, insights, aproveitamento de ecossistema de negócios são a nova forma de ver a data. A febre não acabou. De acordo com a Pricewaterhouse Coopers, mais de 70% dos clientes nos maiores países europeus pretendem comprar na data ou na Cyber Monday. Mas redução dos preços continua não impressionando muito. O decréscimo médio para a maioria dos produtos no mundo foi de 3,4% em 2020 e 4% em 2019, segundo pesquisa da Deloitte.

Como se diferenciar nesse negócio?

A maioria das empresas coloca apenas alguns poucos produtos em promoção enquanto os demais continuam iguais. Esperam conseguir mais vendas graças a esse “gerador de tráfego” da data, encorajando consumidores a comprarem mais produtos. A diferenciação não deve ser apenas com descontos, mas sim com extras: melhores formas de entrega e pontos por fidelidade. A Ikea, por exemplo, instituiu o Buy Back Friday, oferecendo vouchers para novos produtos se a pessoa levar um antigo móvel Ikea que não usa mais.

Empresas aprenderam com erros na Black Friday?

Sim. Que esses descontos de perto de 40% só para entrar na vibe da data, sem analisar a real rentabilidade, além de prejuízo, não fideliza o consumidor, que vem, compra e vai embora.



A MÁQUINA NOS ENTENDE E REPRODUZ

Os irreais Tom Cruise, gerados com tecnologia aberta deepfake pelo artista de efeitos visuais Chris Urme, que vive em Bangcoc, em cima do dublê Miles Fisher

ESTE NÃO É TOM CRUISE

Mesmo! Ele é uma versão recriada por um computador que aprendeu as feições do ator à perfeição. O chamado deepfake faz parte de uma nova grande indústria, que deve gerar US\$ 261 bilhões até 2027

Ricardo IVANOV

Nenhum Tom Cruise foi usado nesta reportagem. Todos foram produtos de uma inteligência artificial, de deep learning, machine learning ou deepfake, quase sinônimos de uma técnica em que a máquina aprende sobre nós e nos reproduz, como jamais conseguiríamos por nós mesmos. Cruise chupando pirulito, brincando de mágico com uma moeda e jogando golfe pipocaram em vídeos no TikTok e nada mais foram que uma brincadeira de um programador de deepfake com um dublê meio parecido com o ator, que teve seu rosto transformado, à perfeição, pela técnica.

O que está acontecendo é uma revolução na capacidade da máquina de nos copiar, algo que já faz parte da indústria cinematográfica e adjacências e fará parte do anunciado Metaverso de Mark Zuckerberg. Mas o que é o deepfake? É uma tecnologia aberta, ou seja, qualquer um com mediano conhecimento de efeitos especiais pode usar. O software aprende feições de rostos mediante o upload de várias cenas/imagens da pessoa que se quer copiar. Daí os atores serem os preferidos, pois estão registrados em filmes ao longo de anos e em alta-resolução. Ao mesmo tempo, a máquina carrega imagens de outra pessoa qualquer — por exemplo, você —, e vai aprendendo seu jeito. Ela então mistura os dois rostos e você escolhe qual vai ser o final. Pronto. Parece uma brincadeira, mas isso é parte da chamada nova grande indústria nos próximos anos. O mercado de deep learning, que engloba tecnologias de reprodução de rostos e avatares, deve gerar US\$ 261 bilhões, até 2027

segundo relatório da americana Persistence Market Research. Só em 2020, as 100 startups de inteligência artificial do ranking anual da CB Insights, empresa de inteligência de mercado, garantiram US\$ 7,4 bilhões em investimentos.

MÁQUINA DIRIGIR CARRO, DESCOBRE DOENÇAS Os resultados de deep learning são espantosos, e não estão relegados a copiar o Tom Cruise. Incluem como aprender a dirigir um carro, como os autônomos com rede neural da Tesla; ficar mestre em escanear nosso corpo com precisão cirúrgica e inteligente em busca de doenças; aperfeiçoar mundos como o vislumbado por Zuckerberg; projetar mapas meteorológicos para companhias aéreas e até criar conexões mais assertivas entre consumidores e produtos. A Disney é um exemplo disso com seu Laboratório de Pesquisas na Alemanha, agregando pessoas no mundo inteiro para estudar machine learning e IA. Ou fazendo parcerias com a Universidade da Califórnia para captar imagens em cinemas e entender como reagimos a cada cena, retendo expressões de visitantes de seus parques temáticos para melhorar a experiência de seus produtos.

Uma das mais fortes empresas no ramo é a Nvidia, um dia famosa por suas placas de vídeo e que agora se denomina líder em com-

putação de inteligência artificial. Ela está criando uma tecnologia que troca imagens em movimento de pessoas em videochamadas por avatares perfeitos, impedindo a fragmentação no rosto das pessoas em conexões entupidas de participantes. Como comparativo de “bola da vez”, o valor de mercado da Nvidia é de US\$ 617 bilhões, bem acima de uma tradicional Intel, com US\$ 196 bilhões. Também estão entre as empresas mergulhadas no ramo — ninguém quer perder o passo — a Apple, com um novo campus para machine learning com 3 mil novos empregos; a Amazon, liderando na linha de produtos de reconhecimento de voz e pessoas; e a Microsoft, que investiu em 2019 US\$ 1 bilhão na empresa de Elon Musk, a OpenAI, que, diz, fará qualquer coisa que a inteligência humana faz. O deepfake pode ter começado como brincadeira — no Brasil, alguns youtubers usam um aplicativo, primário, chamado Impressions, e viralizam nas redes —, mas é a prova de que a máquina pode aprender a imitar o ser humano. E este é um mundo virtual provável para os próximos anos. **ES**



EM CASA ELE FEZ MELHOR QUE A DISNEY

O rejuvenescimento do ator Mark Hamill, de Star Wars, para The Mandalorian, usando tecnologia mista e cara pela Disney: no último quadro à direita, a recriação feita em casa em deepfake pelo artista Shamook ficou melhor. O estúdio acabou o contratando



CALL COM...

HAO LI O GÊNIO DOS AVATARES E DEEFAKES

O currículo de Hao Li, alemão residente nos EUA, é gigantesco. Uma das 35 maiores mentes inovadoras no mundo, segundo o MIT, é especialista em avatares criados por inteligência artificial, professor na Universidade da Califórnia, ex-empresas de efeitos especiais Industrial Light & Magic e Weta, tem algoritmos seus de avatares embutidos nos iPhone X e é CEO e fundador da Pinscreen, que cria avatares com tecnologias mistas.

Existe realmente um real negócio para o deep learning/deepfake fora da indústria do entretenimento?

Apesar do deepfake ter ganhado atenção por seu uso negativo, como pornografia e fake news, o âmago dessa tecnologia tem muitas aplicações positivas e para uma variada gama de negócios. As várias técnicas de síntese por inteligência artificial usam modelos de geração profunda para manipulação de expressões faciais, que é o componente-chave para avatares fotorrealísticos

em 3D. Elas são a próxima solução de telepresença usando headsets de realidade virtual e aumentada, como vimos com o lançamento da Meta. Atualmente, as tradicionais técnicas de computação gráfica para avatares em tempo real continuam parecendo personagens de videogame, gerando um efeito que chamamos de Uncanny Valley, que é uma sensação de estranheza quando observamos ou interagimos com robôs que parecem humanos — e é algo que não se entende o motivo de sentirmos isso, mas sentimos. Métodos de renderizações neurais ou soluções híbridas como deepfake são promissoras para resolver isso.

É ficção científica para uma empresa como a Disney instalar câmeras em cinemas e parques temáticos para detectar reações faciais e ajustar produtos?

Não. Existem empresas que têm usado tecnologias de reconhecimento facial para aplicar em publicidade com alvos, o que não é

muito diferente de plataformas de mídia social analisando o que estamos lendo dentro do Facebook, do Twitter.

Como alguém no futuro vai saber que algo é um deepfake ou não? Alguém pode fazer um vídeo para incriminar outra pessoa, por exemplo.

Pesquisadores, e estou incluído nisso, estão desenvolvendo tecnologias que são capazes de detectar se um vídeo foi manipulado ou não. Ainda assim, podemos assumir que essas tecnologias estão ficando tão boas que é possível se criar algo praticamente indetectável. Você pode colocar ruídos visuais e compressões a esses vídeos e alguém dizer que é o contrário, um vídeo real ser descrito como um deepfake e não haver meios de se ter evidências conclusivas. Isso é o chamado “dividendo do mentiroso”. Em casos assim, juristas e juizes terão de levar em consideração que ambas as possibilidades são válidas.

AS ATRAÇÕES DO CHEVAL BLANC PARIS, NOVO HOTEL DA LVMH

Depois de pagar mais de US\$ 2 bilhões pelo controle da rede Belmond de hotéis de luxo (da qual fazem parte os brasileiros Copacabana Palace e Hotel das Cataratas, em Foz do Iguaçu), o grupo francês LVMH dá mais um passo em sua expansão no segmento de viagens com a inauguração do Cheval Blanc Paris, instalado no edifício La Samaritaine após uma reforma de 15 anos. São 72 quartos, um spa da grife Dior cuja piscina de 30 metros tem mosaicos cintilantes feitos à mão, e quatro restaurantes comandados pelo chef Arnaud Donckele, dono de três estrelas Michelin.

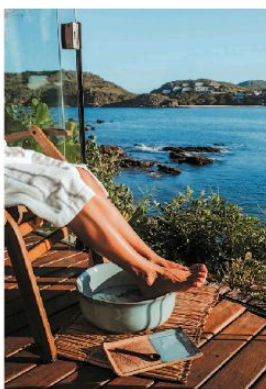
Os hóspedes podem escolher entre o intimista Plénitude, a brasserie Le Tout-Paris, com vista panorâmica a partir do sétimo andar, o Langosteria, especializado em peixes e mariscos, ou o Limbar, onde é servido o café da manhã. Diárias a partir de 1,5 mil euros. Reservas no site chevalblanc.com/fr/.



SPA

RELAX COM VISTA PARA O MAR DE Búzios

Dentro do Insólito Boutique Hotel, encravado na encosta da Praia de Ferradura, em Búzios (RJ), todas as salas de tratamento do Spa Insólito são envidraçadas, com vista para o mar. A decoração de cada ambiente remete à exuberante natureza local, com peças em madeira e de cerâmica com cores alusivas à praia e aplicação de folhagens que evocam a vegetação. Até as terapias se valem de "ingredientes locais", caso da areia rosa, natural da região. Agendamento pelo telefone (22) 992082342.





RELÓGIO

UM PRÊMIO PARA AUDEMARS PIGUET

O modelo Royal Oak "Jumbo", da Audemars Piguet, conquistou o júri do Grand Prix d'Horlogerie, em Genebra, Suíça, no domingo (7). Releitura de uma criação da década de 1970, o modelo é feito em platina com fundo de safira e mecanismo em ouro 22 quilates. Ao agradecer o prêmio, o CEO da grife, François-Henry Bennahmias, afirmou: "Vemos um aumento de clientes muito jovens fascinados pela alta relojoaria suíça em todo o mundo, então vamos fazê-los sonhar com a nossa arte". Preço sob consulta.



"Ganhar não é tudo. Querer ganhar é"

Vince Lombardi
(1913-1970)

Primeiro treinador a ser bicampeão do Super Bowl



DECORAÇÃO

SIERRA ABRE FLAGSHIP STORE NA SERRA GAÚCHA

Fundada em 1990, em Gramado (RS), a Sierra Móveis expandiu sua atuação para fora do Brasil com dez unidades em países como Argentina, Chile, Panamá, Paraguai, Peru e República Dominicana. Mas foi sua cidade natal a escolhida pelo CEO André Tissot para receber a maior loja conceito da marca, com 700 produtos expostos em 25 ambientes. "Desenvolvemos uma curadoria pensada em detalhes para atendermos aos múltiplos perfis de consumidores", afirmou Tissot. Para 2022, o plano de expansão prevê uma loja em Miami e outra em Estoril, Portugal.

FESTIVAL

MÚSICA E DRINQUES SEM RESSACA

Charles Tanqueray, fundador do gim que leva seu sobrenome, testou 300 receitas da bebida para chegar ao que considerava o equilíbrio perfeito. Agora, a marca convida o público a refletir sobre a importância de beber com moderação. Esse é o conceito do Charles Tanqueray Festival, que ocupa o Jockey Club do Rio de Janeiro de 19 a 21 deste mês. Além das atrações musicais (Lysia Vani, Jimmy Jay, Julia Mestre e a dupla You'n, entre outros), o público provará diferentes drinques feitos com os produtos Tanqueray disponíveis no Brasil. Ingressos a R\$ 80.



ARTE

EXPOSIÇÃO OUTDOOR DE ARTE DIGITAL

Intitulada *Breaking The Fourth Wall – A Digital Art Expo* (em português: Quebrando a Quarta Parede – Uma Exposição de Arte Digital), a maior mostra do gênero no País teve início no sábado (6), em Florianópolis (SC), com a exibição de obras em uma megatela 3D de 350m². Entre os artistas convidados está André Holzmeister (*autor do trabalho na foto maior*), vencedor de cinco Leões em Cannes por criações para marcas como Microsoft, Hublot, Ferrari e Nike. Outro destaque é o motion designer Rodrigo Rodrigues (*página ao lado*). A aquisição das obras expostas pode ser feita por meio do site makerspace.com. Em exibição até 6/12.



CHANDON BRINDA RETOMADA DO MERCADO



EM ALTA
A executiva em sua recente visita ao Brasil. Espumantes movimentaram R\$ 2 bilhões no País em 2020

A CEO GLOBAL DA EMPRESA, SYBILLE SCHERER, CELEBRA A EVOLUÇÃO DO CONSUMO DE ESPUMANTES E APOSTA EM INOVAÇÕES SUSTENTÁVEIS PARA ASSEGURAR O FUTURO DA OPERAÇÃO

Beatriz PACHECO

A Chandon pode se gabar de um feito raro: consolidou-se como uma marca global e, ao mesmo tempo, incorporou ao seu DNA as culturas dos seis países em que produz. Parte da família de 23 marcas de bebidas, que faturou 4,9 bilhões de euros em 2020 para o maior conglomerado de luxo do mundo, o grupo francês LVMH, a companhia abraça o planeta de ponta a ponta. Dos pés das montanhas Helan, na China, aos vales do condado de Napa, na região da Califórnia, nos EUA, a rede de 16 vinhedos em três continentes permitiu à Chandon adotar como lema viver sob o “sol que nunca se põe”. Nascida nas terras de Mendoza, região de cordilheira na Argentina, em 1959, a multinacional foi expandindo suas raízes. Chegou ao Brasil e aos Estados Unidos em 1973, depois à Austrália, em 1986. Foi se firmar no solo oriental mesmo só em 2013, com a produção chinesa, e, em 2014, com a vinícola na Índia. Essa jornada permite ao negócio seguir seu próprio ritmo de maturação. Mais de 60 anos depois, a empresa enfrentou o maior desafio da sua história com o advento da pandemia da Covid-19, que derrubou o consumo mundial de espumantes em 8% em 2020, segundo a consultoria IWSR, e suspendeu os planos e comemorações na Chandon. Hoje, depois de quase dois anos de isolamento social, seu horizonte enfim voltou à fase borbulhante.

O renovado otimismo de Sibylle Scherer, CEO global da Chandon, permite que a executiva alemã jogue uma nova luz sobre o passado recente. “Se olharmos para o desaparecimento da demanda ligada a eventos sociais, a retração do mercado não foi tão brusca”, disse em entrevista à DINHEIRO. “Graças aos novos hábitos, essa queda foi amortecida.” Além da migração para o consumo doméstico e adaptação para a compra on-line, ela conta que neste ano a empresa está vendo o aumento do ticket médio. As vendas em 2021 já alcançaram o patamar pré-pandemia — ainda sem contabilizar o fim de ano, que marca o pico no setor. E esse novo cenário está dando espaço para a companhia voltar a se empolgar com o futuro.

Sibylle esteve em São Paulo no começo deste mês para celebrar a retomada. Abrindo o novo capítulo da marca no País, a operação brasileira idealizou a Casa Chandon, um espaço temporário na capital paulista para imersão no universo dos espumantes. Aberta ao público até o domingo (14), a iniciativa procurou rejuvenescer o universo Chandon ao propor novas combinações para os produtos nacionais. No bar lounge, o público foi apresentado a drinks assinados por mixologistas como Heitor Marin, que comanda o Seen, do Hotel Tivoli Mofarrej. O projeto vinha sendo desenhado havia três anos e teve de ser adiado pela pandemia. Além da instalação, as garrafas foram repaginadas. Hoje em cores vibrantes e com logo na vertical, a Chandon busca atrair outros públicos para o seu mundo.

ON ICE

Novo logo da marca no rótulo do Passion, que deve ser bebido com pedras de gelo: sucesso entre brasileiros



ESTILO

A transformação faz ainda mais sentido neste momento. Só no último triênio, a categoria de espumantes triplicou de tamanho. Dados da plataforma Statista apontam que a comercialização já movimentou US\$ 35,6 bilhões neste ano, alta de 8% na comparação com 2020. No Brasil, segundo a Ideal Consulting, o abastecimento de espumantes movimentou R\$ 2 bilhões no ano passado. Poraqui, a elevação das categorias de consumo está ajudando a sustentar e essa expansão, mesmo ante a desvalorização do real. Até 2025, o consumo nacional deve crescer no ritmo de 10% ao ano.

DNA DE INOVAÇÃO A evolução do setor traz um desafio. Em um mercado mais premium, as exigências também são mais altas. Só no Brasil, os rótulos nacionais se qualificaram a ponto de terem registrado o recorde de 147 medalhas em premiações em 2020, segundo a Associação Brasileira de Enologia (ABE). Em resposta ao novo momento, a Chandon evoca a sua história ao passo que desenha um plano de negócio voltado para a inovação e para a sustentabilidade. “Queremos que a empresa exista daqui a 200 anos, por isso precisamos promover essa agenda”, afirmou Sibylle. Em outubro, a LVMH inaugurou o centro de pesquisa científica voltado para práticas sustentáveis em viticultura. “Como líderes, nossa responsabilidade é levantar discussões, compartilhar conhecimento e apontar os caminhos para nossos parceiros.”

A postura deu espaço para o nascimento do Chandon Aperitif. Desenvolvido na Argentina, combina espumante à base de uvas Chardonnay, Pinot Noir e Semillon das vinícolas de Mendoza com a infusão de licor amargo de raspas e casca de laranja Valência orgânica, ervas e temperos locais. O sucesso de crítica e público foi tamanho que a criação foi rebatizada de Chandon Garden Spritz e lançada em julho nos mercados europeu e norte-americano. A bebida foi responsável por dobrar as vendas estimadas para este ano na Europa.



Primeira produção da Chandon a cruzar fronteiras, apesar da proximidade geográfica, por ora, não há perspectivas de trazer o novo espumante para o País. Os curiosos precisarão viajar para um desses países ou importar a garrafa, cujo valor médio é de US\$ 30. A decisão da empresa está ligada à inclinação do brasileiro a um paladar mais frutado, refrescante e doce. É o que explica o sucesso do Chandon Passion, um demi-sec rosé nacional, com predominância de aromas floral e de frutas, ideal para servir gelado. No Brasil, a marca está trabalhando novidades para comemorar seus 50 anos em território nacional, que serão completados em 2023. Até lá, o projeto segue sob sigilo. A CEO defende o ritmo de criação, estabelecido pelo rigoroso processo artesanal a que está submetido o aperfeiçoamento da fórmula de espumantes. “Luxo é um produto sustentável e que se conecta com o tempo”, disse. Enquanto respeita o intervalo de inovações, a Chandon volta a celebrar a retomada dos planos de negócio. **ES**

INVENÇÃO E TRADIÇÃO

No alto, o interior da Casa Chandon, em São Paulo, iniciativa temporária para levar a um público mais jovem novas experiências, incluindo drinks à base de espumantes. Acima, colheita de uvas na Serra Gaúcha, onde a marca produz há quase meio século

BITCOIN AVANÇA A US\$ 68 MIL

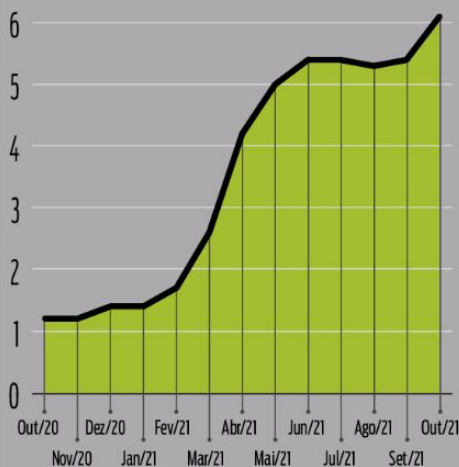
A bitcoin bateu novo recorde nesta terça-feira (9), atingindo US\$ 68.382. Com isso, o criptoativo já rompeu o teto previsto por analistas e pode chegar a US\$ 70 mil em breve. A última máxima da bitcoin era de US\$ 64 mil e foi registrada no fim de outubro. Pegando carona nessa subida, outras moedas virtuais também subiram, como o ethereum, que bateu seu recorde intradiário, chegando a US\$ 4.840. A intensa movimentação fez o mercado de criptomoedas atingir um patamar de capitalização de US\$ 3 trilhões, dos quais US\$ 1 trilhão sendo adicionado em um único mês. Analistas dizem que o apetite por esse tipo de ativo vem crescendo diante da situação econômica e muitos investidores estariam buscando maiores retornos. Só neste ano, a bitcoin subiu mais de 130% e o ethereum avançou 550%.

INFLAÇÃO AMERICANA SOBE A 6,2%

A inflação americana permanece em alta. Em outubro, o Consumer Price Index (CPI) registrou elevação de preços de 0,9%. Com isso, o acumulado em 12 meses chegou a 6,2%, a maior taxa desde novembro de 1990. O resultado, superior às expectativas dos especialistas, levantou mais dúvidas no mercado com relação à política monetária a ser adotada pelo Federal Reserve (Fed), o banco central americano. Na reunião do início de novembro, Jerome Powell, presidente do Fed, anunciou o começo do fim do programa de injeção de recursos na economia, mas disse que não havia pressa para elevar os juros. Para não comprometer a recuperação econômica, o Fed teria paciência com a inflação, afirmou. No entanto, sua atitude não é consenso. Richard Clarida, vice-presidente do Fed, disse em um evento na segunda-feira (8) que os preços estão aumentando muito mais depressa que as metas de inflação do Fed, que permanecem em 2% ao ano.

SUPERAQUECIMENTO

Índice de preços ao consumidor nos EUA
(percentual acumulado em 12 meses)



Fonte: Bureau of Labor Statistics

INVESTIMENTO EM FINTECHS CRESCE 13%

O mercado de fintechs continua em plena expansão. Levantamento feito pela KPMG mostrou que investimentos nessas startups financeiras cresceram de US\$ 87 trilhões no encerramento de 2020 para US\$ 98 trilhões no fim do primeiro semestre deste ano, um aumento de 13%. No relatório *Números Recentes de Investimentos em Fintechs: do Global ao Regional*, a empresa de consultoria concluiu que a pandemia e as medidas que os países precisaram adotar para lidar com os efeitos da Covid-19 tiveram um impacto positivo na aceleração digital, na transformação das organizações e, principalmente, na taxa de criação e desenvolvimento das empresas digitais, estimulando os investimentos no setor.



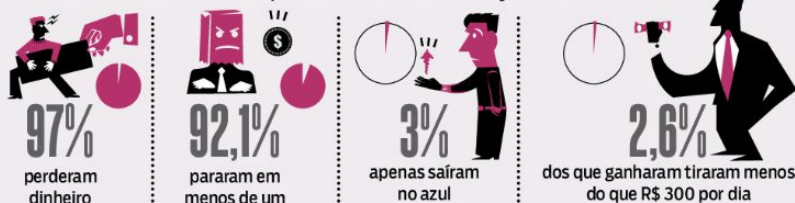
A SEDUÇÃO DO DAY TRADING

VOLATILIDADE DOS MERCADOS SEGUE ATRAINDO INVESTIDORES QUE QUEREM ESPECULAR NAS OPERAÇÕES DE CURTÍSSIMO PRAZO. MAS, CUIDADO: NÃO É FÁCIL

Anna FRANÇA

Há quatro anos, quando procurava formas de ganhar dinheiro na internet, o porteiro Jhonatan do Vale Alves, então com 21 anos, foi fgado por chamadas publicitárias que prometiam ganhos rápidos na bolsa de valores. Algumas horas de vídeos no Youtube depois, ele já estava convencido que poderia fazer dinheiro fácil com as operações de curtíssimo prazo no mercado financeiro conhecidas como day trade. Nessa modalidade, o investidor compra e vende ações, commodities e derivativos no mesmo dia, procurando ganhar com a diferença de preços entre o momento de compra e de venda. Alves ficou tão fascinado com a possibilidade que contraiu um empréstimo consignado de R\$ 3 mil para financiar os negócios. Mas o que parecia um sonho se transformou em um pesadelo para o rapaz, que estudou até o ensino médio. Ele perdeu R\$ 20 mil e teve de conseguir um segundo emprego para pagar as 24 parcelas do financiamento.

CORRIDA DE FÔLEGO - De todos que tentaram investir em day trade desde 2017...



Fonte: FGV

O caso de Alves é comum entre os que tentam, armados de um computador e uma conexão de internet doméstica, enfrentar os gênios matemáticos e os algoritmos velozes do mercado financeiro. É um universo em franca expansão. A B3 não revela números, mas uma pesquisa da corretora Nova Futura indica que, em agosto de 2020, o número de day traders chegava a 486 mil. É o dobro de 2019 e dez vezes mais que no primeiro levantamento realizado pela corretora, em 2013.

RIQUEZA RÁPIDA O que atrai essa multidão é a promessa de riqueza rápida. No entanto, um estudo dos professores da Fundação Getulio Vargas (FGV) Bruno Giovannetti e Fernando Chague, realizado em 2019 e revisado em 2021, indica que esse cenário é antes exceção do que regra. Segundo o levantamento, 92,1% dos investidores que tentaram alguma coisa nessa atividade entre 2017 e 2019 pararam em menos de um ano. Dos que perseveraram, 97% perderam dinheiro. Entre os escassos 3% que saíram no azul, 2,6% ganharam menos do que R\$ 300 por dia. Outra conclusão foi que, diferentemente da maioria das atividades, no caso do day trading a prática não conduz à perfeição. O estudo mostrou que as pessoas que operam nesse mercado não melhoram com o tempo, como em qualquer atividade. Assim, o investidor acaba trabalhando só com a sorte, no que os coordenadores do estudo classificam como um jogo de roleta num cassino. Não por acaso, ao ser divulgada em março de 2019, a primeira edição da pesquisa causou tanto alvoroço que o número de aspirantes a day trader parou momentaneamente de crescer.

Para evitar novos prejuízos, Alves seguiu estudando e prosseguiu com a carreira de day trader. Ele afirmou que agora consegue viver apenas dessa atividade. Para isso, se serve dos recursos da Axia Investing, uma companhia localizada no tradicional bairro paulistano da Mooca, que se define como mesa proprietária. Traduzindo, ela permite aos day traders operar usando seu capital. “Cada candidato é treinado de 30 a 60 dias e, se atingir as metas no treinamento, ele vem operar no mundo real”, afirmou o sócio-fundador da Axia, Antonio Marcos Samad Junior.

As operações são financiadas com os recursos dos fundadores. Cada day trader aprovado recebe um limite para operar. Metade fica à sua disposição e a outra metade fica guardada para o caso de prejuízos. Se suas operações gerarem lucro, ele será dividido entre a Axia e o profissional. No caso de perdas, o capital reservado cobre os prejuízos. E, como seria de se esperar, day traders que perdem mais do que ganham não duram muito tempo na função.

Segundo Samad Junior, a Axia começou a operar com a mesa proprietária em 2017. Desde então já treinou e aprovou 1,6 mil pessoas para operarem em home office. O executivo afirmou que essa é uma atividade comum em mercados maduros, mas ainda é relativamente desconhecida por aqui, o que explica não ser regulamentada nem pelo Banco Central nem pela Comissão de Valores Mobiliários (CVM).

A empresa levantou o perfil dos day-traders e descobriu que as transações representam parte significativa da renda de 65% deles. Cerca de 13,86% declararam não estarem recebendo nada até o momento e 24,7% dos entrevistados afirmaram que as operações são sua única fonte de renda. É o caso de Alves. “Atualmente o day trading é minha única atividade remunerada e pretendo em breve começar a operar no mercado de câmbio”, disse ele. Mas o ex-porteiro advertiu que o caminho não é fácil. “Esse é um trabalho intenso. Continuo estudando e leio notícias o tempo todo. Já vi gente entrar nisso pensando que é simples e perder casa e carro.”

“
Estudo sempre e leio notícias o tempo todo. As pessoas pensam que é fácil, mas já vi gente perder casa e carro”

JHONATAN DO VALE ALVES
DAY TRADER

■ PAPÉIS AVULSOS

LUCRO TRIMESTRAL DA JSL ACELERA 377%

A JSL lucrou R\$ 83 milhões no terceiro trimestre, um recorde para a empresa de logística, e um avanço de 377,5% ante 2020. O faturamento cresceu 60,6% para R\$ 1,18 bilhão. Com isso, a geração de caixa medida pelo Ebitda atingiu R\$ 198 milhões, 68% acima do terceiro trimestre de 2020. "Tivemos o

melhor resultado trimestral de nossa história", disse à DINHEIRO o presidente da JSL, **Ramon Alcaraz**. O resultado permitiu à JSL elevar o Capex líquido nos nove meses de 2021 para R\$ 384 milhões, frente aos R\$ 126 milhões de 2020. A alta decorreu da retomada das atividades, do bom desempenho do agronegócio e da mineração e também da incorporação de cinco empresas. Alcaraz afirmou que o resultado positivo só foi possível devido à austeridade na gestão durante a pandemia, melhorando o uso dos recursos e controlando o custo de insumos. "A perspectiva é continuar crescendo, organicamente e com aquisições", disse.



HOLDINGS

GANHO DA ITAÚSA SOBRE 32% PARA R\$ 2,4 BILHÕES

A Itaúsa lucrou R\$ 2,4 bilhões no terceiro trimestre de 2021, 32% acima do mesmo período de 2020. A holding que controla Itaú Unibanco, Alpargatas e Dexco informou que foi beneficiada pela expansão da carteira de crédito, melhora na inadimplência e crescimento das despesas abaixo da inflação. No acumulado em nove meses, o lucro líquido recorrente cresceu 76,6% ante 2020. Na Dexco, as despesas relacionadas ao projeto de celulose solúvel da LD Celulose, ainda em fase pré-operacional, e os créditos tributários decorrentes da ação de exclusão do ICMS da base de cálculo do PIS e Cofins, são os principais eventos não recorrentes.

ALUMÍNIO

NÚMEROS RECORDES NA CBA

A receita da Companhia Brasileira de Alumínio (CBA) bateu um recorde trimestral histórico, subindo 55% no terceiro para R\$ 2,3 bilhões. A alta foi impulsionada pelos aumentos dos preços do alumínio, mas a elevação do custo da energia prejudicou as margens. Assim, a geração de caixa medida pelo Ebitda ajustado recuou 13,5% ante o segundo trimestre de 2021. O volume de vendas ficou estável em relação ao mesmo período de 2020, mas com uma maior representatividade do alumínio transformado (alta de 10%), que possui maior valor agregado, e menor do alumínio primário (queda de 4%).

BANCOS

FORTUNA NA TESOURARIA DO BTG PACTUAL

O lucro líquido do BTG Pactual no terceiro trimestre cresceu 77% ante 2020, para R\$ 1,8 bilhão. A receita chegou a R\$ 3,8 bilhões, alta de 55% ante 2020 e de 2% frente ao trimestre anterior. O retorno sobre o patrimônio líquido (ROE) recorrente foi de 20,1%. Houve crescimento em todas as unidades, mas o destaque ficou com as operações de tesouraria, cujos resultados chegaram a R\$ 1,3 bilhão, alta de 46%. Isso decorreu do aumento das atividade dos clientes e da mesa de energia, além do evento não recorrente da venda da participação na CredPago.

DESEMPENHO DAS EMPRESAS POR SETOR DE ATIVIDADE



MELHOR DESEMPENHO

	% 30 DIAS	% 12 MESES
Industrial	-3,97	125,25
Tecnologia e Internet	-2,44	64,34
Petroquímico	-5,75	58,45
Petróleo e Gás	-8,78	23,82
Telecomunicações	6,54	17,17



PIOR DESEMPENHO

	% 30 DIAS	% 12 MESES
Imobiliário e Construção	-5,99	-39,36
Consumo e Varejo	-0,45	-37,76
Energia e Saneamento	-7,83	-15,61
Financeiro	-5,24	-9,88
Transportes	-4,66	-6,28

Fonte: Austin Rating de 09/Nov/21

DESTAQUE DO PREGÃO

INFLAÇÃO E IMPOSTOS AFETAM BB SEGURIDADE

A BB Seguridade, holding que concentra as atividade de seguros, previdência e capitalização do Banco do Brasil, divulgou um lucro de R\$ 975,8 milhões no terceiro trimestre, queda de 11% ante 2020 e alta de 29,5% frente ao trimestre anterior. Segundo

Uilisses Assis, presidente da empresa, o resultado foi afetado pela disparidade temporal entre a correção da parte dos ativos e dos passivos que está vinculada ao IGP-M e pelo aumento dos impostos sobre as seguradoras. A alíquota da CSLL foi elevada em 5 pontos porcentuais. Assis afirmou que o foco de crescimento das atividades estará na ampliação do seguro rural e na



distribuição de produtos além da base de clientes do BB, por meio de parcerias que ainda estão sendo negociadas. "Existe um espaço enorme para a indústria de seguros crescer, apesar de isso depender do ritmo de recuperação da economia", disse.

VAREJO

ATACADÃO SUSTENTA RESULTADO DO CARREFOUR

As lojas do Atacadão puxaram os resultados do Carrefour, que registrou vendas consolidadas de R\$ 20,7 bilhões no terceiro trimestre de 2021, 7,7% a mais do que o obtido no mesmo período de 2020. Os resultados isolados da bandeira de atacarejo cresceram 14,3% na comparação anual, impulsionados pela contribuição de 11,6% da expansão da rede. Esse desempenho é ainda mais relevante considerando-se que sua base de comparação são os resultados de 2020, bastante positivos para a empresa. Mesmo assim, o aumento do faturamento não conseguiu se estender à última linha do balanço. O lucro líquido do grupo recuou 18% no terceiro trimestre ante igual período de 2020, caindo para R\$ 621 milhões.

AS 10 MAIS NEGOCIADAS DO IBOVESPA

Ação	Cotação (R\$)	% mês	% ano	% 12 M	% Índice
Vale ON	65,94	-7,9	-11,3	22,7	11,011
Petrobras PN	26,64	-2,2	2,9	35,0	6,010
Itaú Unibanco PN	22,53	-3,3	-11,7	1,4	5,320
Petrobras ON	27,55	-0,4	4,5	37,6	4,663
Bradesco PN	19,30	-2,9	-19,4	-3,1	4,473
AmBev ON	17,89	5,3	14,9	29,8	3,852
B3 ON	12,64	6,1	-35,2	-25,4	3,796
Weg ON	36,79	-0,6	-1,8	-9,4	2,699
JBS ON	37,74	-3,4	70,2	98,8	2,511
Itaúsa PN	10,04	-2,0	-12,9	-0,9	2,240

Fonte: Economatica *09/11/2021

BOLSAS DO MUNDO

09/11/2021			COTAÇÃO (MOEDA LOCAL)			VARIÇÃO (US\$)		
Mercado	Índice	Pontos	% mês	% ano	% 12 m.	% mês	% ano	% ano
Brasil	Ibovespa	105.535	1,97%	-11,33%	1,95%	4,70%	-16,15%	
Brasil	IBRX 100	44.751	1,40%	-11,17%	1,68%	4,12%	-16,00%	
EUA	Dow Jones	36.321	1,40%	18,67%	24,56%	1,40%	18,67%	
EUA	Nasdaq	15.887	2,50%	23,26%	35,62%	2,50%	23,26%	
Japão	Nikkei 225	29.285	1,36%	6,71%	17,90%	2,36%	-2,61%	
China	Shanghai	3.507	-1,14%	0,98%	3,95%	-1,33%	-1,29%	
Alemanha	DAX 30	16.040	2,24%	16,92%	22,48%	2,53%	10,38%	
França	CAC 40	7.043	3,12%	26,87%	31,99%	3,4%	19,77%	
Reino Unido	FTSE 100	7.274	0,50%	12,59%	17,58%	-0,48%	11,67%	

Fonte: Austin Rating

RENTABILIDADE DOS TÍTULOS PÚBLICOS (%)

*09/Nov/21 (Índice IS - Juros Semestrais)

TÍTULO	VENC.	INDEXADOR	Últim. 30 dias	ano *	12 MESES
Tesouro Selic	01/03/2023	Selic	0,54%	3,11%	3,52%
Tesouro Prefixado (IS)	01/01/2023	Prefixado	-2,16%	-3,81%	-1,83%
Tesouro IPCA+ (IS)	15/08/2024	IPCA	-1,88%	-0,49%	2,91%
Tesouro IGPM+ (IS)	01/01/2031	IGP-M	-5,58%	6,63%	10,79%
Tesouro Prefixado	01/01/2022	Prefixado	0,30%	1,23%	2,38%

MAIORES ALTAS DA SEMANA*

Ação	Setor	%
DOTZ S/A	Tecnologia	26,75
ARMAC	Varejo	25,35
VITVIA	Químico	24,20
LOJAS AMERICANAS	Varejo	20,78
ROSSI RESID	Imobiliário	18,91

MAIORES BAIXAS DA SEMANA*

Ação	Setor	%
MUNDIAL	Industrial	-25,60
GERDAU MET	Metalurgia	-20,72
WILM IND COM	Petróleo e Gás	-13,48
BANCO PAN	Financeiro	-13,45
RIOSULENSE	Industrial	-12,01

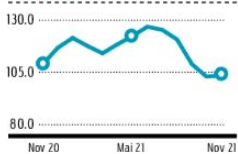
Fonte: Austin Rating *11/11 a 09/11

TERMÔMETRO DO MERCADO

O IBOVESPA EM UM ANO*	PONTOS
Ibovespa	105.535
Mínima	102.034
Máxima	131.190

Fonte: Economatica *09/11/2021

IBOVESPA em milhares de pontos



*Até 09/11/2021